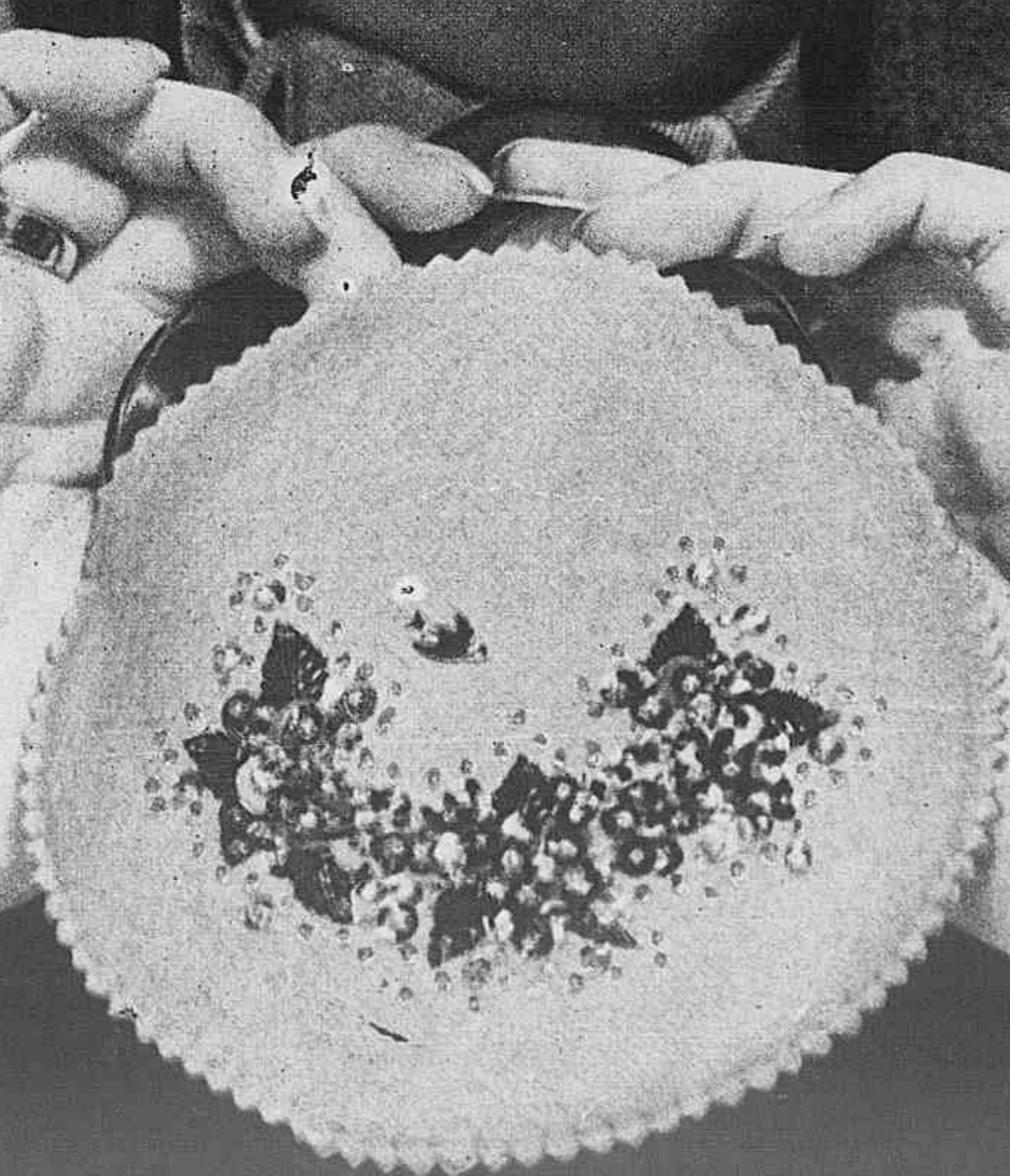


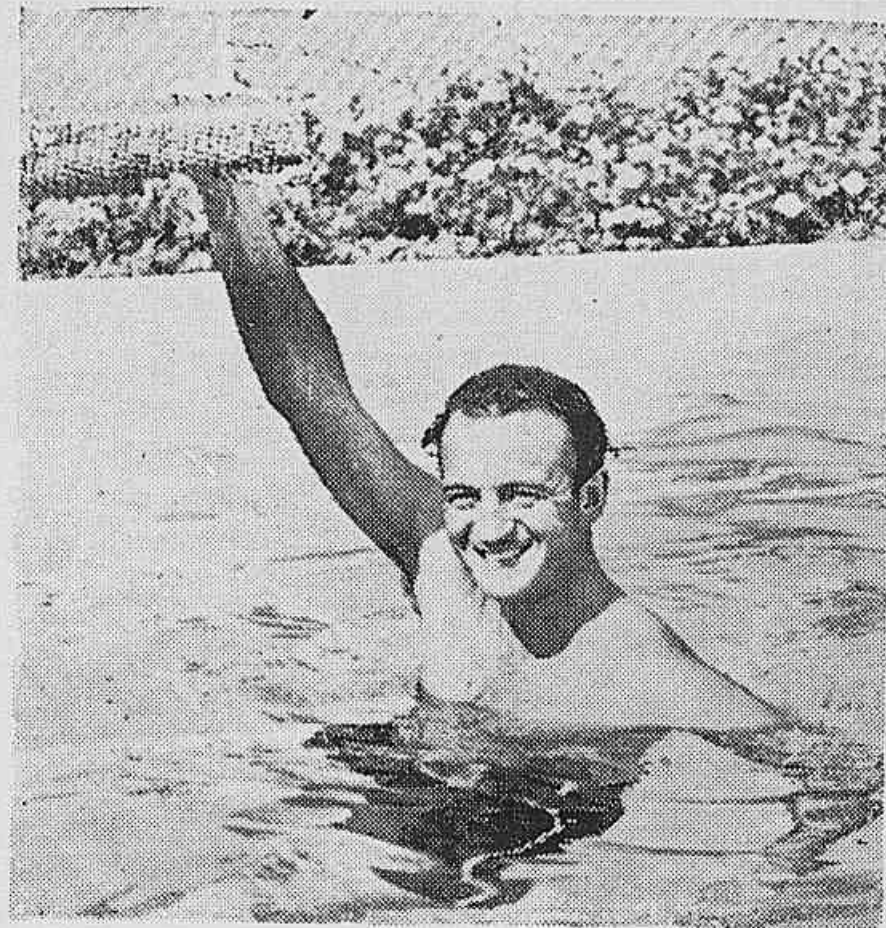
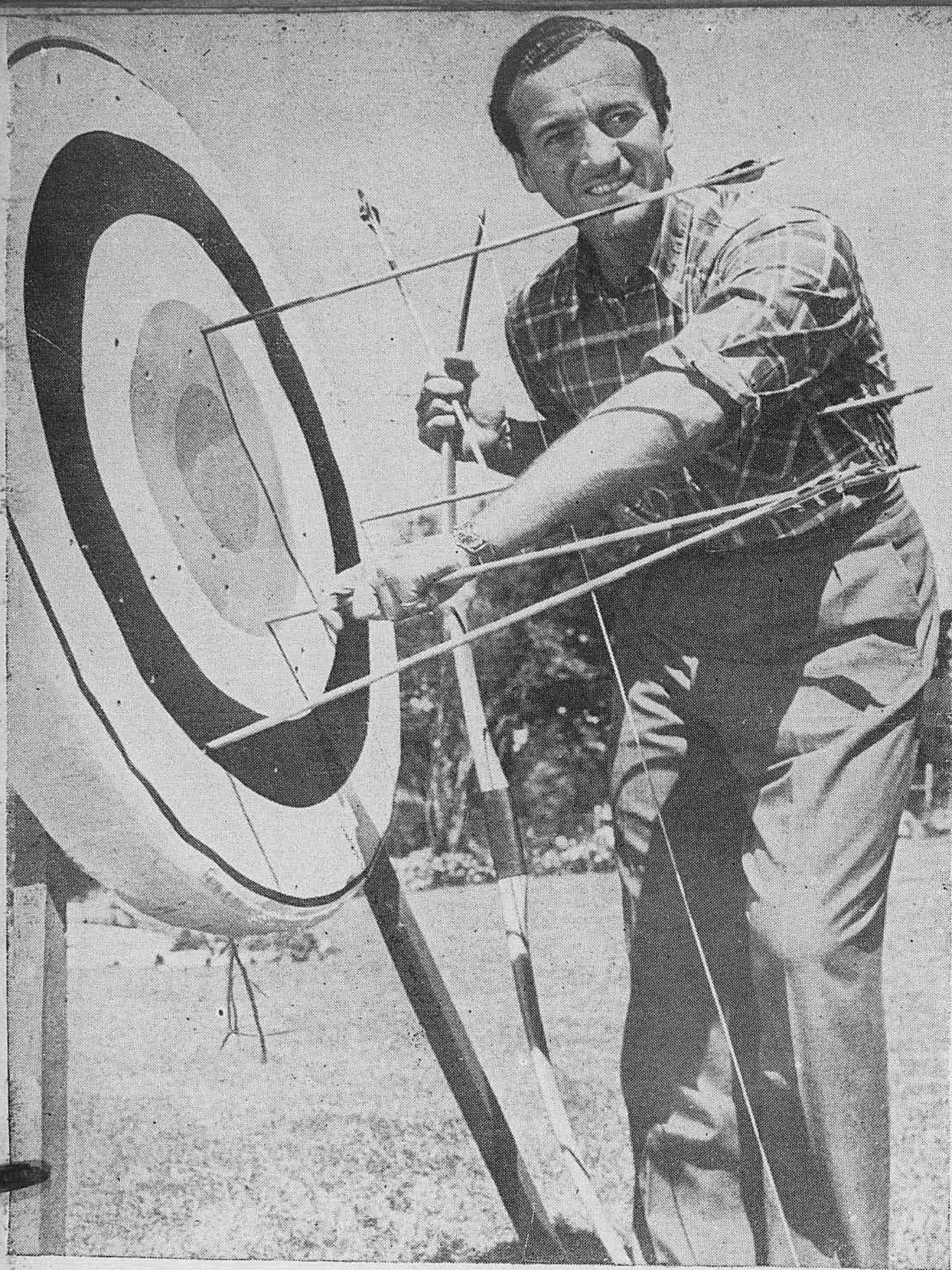
a Cema

Cr\$ 2,00
em todo o Brasil
N.º 7 -- 17-2-48

MUDA

BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO





DAVID NIVEN

AMANTE DOS ESPORTES

DAVID Niven, esse simpático inglês com cara de enjoado, não é exatamente o que a sua figura nos leva a imaginar. Ele nos dá a impressão do homem de poltrona, que vive à sombra das cortinas... A realidade, no entanto, é bem diversa, pois David é amante da vida ao ar livre, do ar puro dos campos, dos esportes que tanto bem fazem à saúde. David Niven, que será visto brevemente ao lado de Cary Grant e Loretta Young em "Mensageiro do Céu" (The Bishop's Wife), produção de Samuel Goldwyn para distribuição RKO Rádio, tem em sua própria casa tudo o que um homem rico amante dos esportes pode desejar. Tem magnífica quadra de tênis, esporte de que é um dos melhores jogadores em toda Hollywood; tem excelente piscina, que não é somente para enfeite, pois sempre que pode ele dá os seus mergulhinhos; é um grande entusiasta do arco e flecha, e lamenta nunca ter sido convidado a interpretar o arqueiro Robin Hood na tela; tem, afinal, o seu belo Phanton, cão germânico que lhe foi presenteado por Rex Harrison, grande de mais para ficar dentro de casa...



NOSSA CAPA

Audrey Totter, a graciosa e sofisticada "estrêla" de "A Dama do Lago", que está terminando o seu desempenho com Robert Taylor em "High Wall", na Metro-Goldwyn-Mayer.

S U M A R I O

COLABORAÇÕES:

"Dircinha Batista, uma perfeita rainha", nas págs. 6 e 7; "Jacy Menezes Começou no Teatro de Amadores", reportagem de Armando Migueis, na pág. 9; "No Mundo Encantado de Walt Disney", por Gilberto Souto, na pág. 10; "Um Pouco da Vida de Kirk Douglas", por James Cox, na pág. 11; "A Vida Privada de George Sanders", por Brian Young, nas págs. 12 e 13.

REPORTAGEM ESPECIAL:

"María Montez e Jean Pierre Aumont Continuam a Ser Um Exemplo de Felicidade", por Luis Serrano, nas págs. 18 e 19.

DIVERSOS:

"Rodolfo Mayer Volta ao Cinema", na pág. 8; e "Cinema Inglês", nas págs. 14 e 15.

CINE-ROMANCES:

"Minha Vida Com Papai", película da Warner Bros. com William Powell e Irene Dunne, nas págs. 20, 21, 22 e 23; e "A Cruz de Um Pecado", película da Warner Bros. com Ann Sheridan, Lew Ayres e Zachary Scott, nas págs. 24, 25, 26 e 27.

SEÇÕES PERMANENTES:

"Boa Noite", nas págs. 4 e 5; "Caras e Caretas", nas págs. 16 e 17; "Melodias Para Você", nas págs. 28, 29 e 30; "Cotações da Semana", na pág. 32; e "Correio dos Fãs", na pág. 32.

A CENA

Fundada em 1921

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Secretário: R. Magalhães Junior. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones — Secretaria: 22-4447; Administração: 22-2550; Publicidade: 22-9570; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr\$ 2.00. Assinatura: Anual (52 números), Cr\$ 90.00; Semestral (26 números), Cr\$ 45.00. Registrada: Anual, Cr\$ 110.00; Semestral, Cr\$ 55.00. Estrangeiro: Anual, Cr\$ 200.00; Semestral, Cr\$ 100.00. Número atrasado, Cr\$ 2.50. A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados. Distribuidor de A CENA MUDA em São Paulo: Agência Zombardino, Rua Capitão Salomão, 67, Telefone: 4-1569. Representante em São Paulo para publicidade: Severino Lopes Guimarães, Rua Alvares Penteado, 180, 5.º and. Sala 502. Telefone: 3-2649. Agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE, Aguiar Mendonça, 19, West 44th Street, New York City, N. Y. — Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo 34, 2 St. Lisboa. AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA, D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques; URUGUAI, Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideú; Sucursal na ARGENTINA, "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires.

Tôda correspondência deve ser enviada ao Diretor.

A DEGOLA DOS INOCENTES

E U sei que muita gente é a favor da guilhotina e da pena de morte. Gente que não tem dúvida nenhuma em dizer "êste deve ser decapitado", "aquêle queimado vivo" e outras sentenças um tanto drásticas. Sei de uma pessoa que tôda vez que via o retrato de Shirley Temple fechava os punhos, soltava gemidos de terror e dizia quase soluçando: "Ainda vive!". A presença de Shirley, irremediável, dava-lhe crises de angústia. Mas, embora também eu tenha alguns momentos de aflição diante de certos "astros", — por exemplo: Van Johnson, Frank Sinatra, Cesar Romero, etc., — jamais, jamais, palavra, desejei a morte de ninguém. Meu coração abriga certa amargura, disso não posso fugir, mas essa vontade de ver mortos todos aquêles que me amolam com interpretações fora de propósito, isso não me pertence. Sempre descubro um pouco de benevolência, um pouco de brandura, um pouco de afeto, e desejo apenas, do fundo do coração, que o culpado vá representar bem longe. Ora, se isso acontece com atores sem nenhuma categoria, se não posso conceber a idéia de vê-los mortos, que diria se visse alguns atores bastante bons serem assassinados diante dos meus olhos? Ah, que situação dolorosa, que terrível espetáculo! Não posso compreender porque fazem isso tão frequentemente no cinema brasileiro. E' tão confrangedor que eu não me referiria a êsse fato, se não fosse a assiduidade com que ultimamente andam decapitando os nossos mais populares artistas. Enquanto era a cabeça de certa cantora aborrecida que habitualmente caía fora, embora eu não aprovasse, não quis dizer nada. Mas, ontem, senhores, enquanto assistia a "E" com êsse que eu vou" tiveram o desafôro de decapitar o Oscarito! E para aproveitar o impulso assassino, decapitaram também o Catalano. O nosso Cazarré, talvez ignorando o estado de espírito do operador, entrou em cena naquele instante. Foi-se, também, a cabeça do Cazarré!

Positivamente, é uma coisa que não fica bem num artista sair por aí representando sem cabeça. Devo dizer até que o Catalano sem cabeça ficou bem mais esquisito.

Como a intenção dos nossos cinegrafistas é continuar produzindo, e como a intenção do público é continuar apoiando com o mesmo entusiasmo o cinema nacional, — mesmo quando há apresentação de inexcedível mau gôsto, como as de Grande Othelo, Luís Gonzaga, etc., creio que é um direito que me assiste, na qualidade de fã, o de protestar contra essa mortandade. E, aproveito o ensejo para suplicar que parem de interpretar "Xangô". Compreendo que dessa música sempre se tira um efeito meio mágico. Mas, chega. Se é uma questão de hábito, mudem-se os hábitos. "O Mar" também já deu o que tinha de dar. E o Dorival Caymmi tem músicas mais belas, mais recentes, e não precisa comparecer em todos os filmes com a mesma contribuição.

E como me lembre agora daquele espantoso dansarino de "frevo" ainda em "E" com êsse que eu vou", já não sei qual será o mais feliz. Se o artista decapitado ou se o artista esbulhado. O pobrezinho caiu no "frevo" dentro de um espaço tão ridículo que não poderia, nem que quisesse, dançar com o clássico guarda-chuva. Foi uma demonstração de crueldade o que fizeram com êle. Especialmente apresentando-o quase sempre fora de foco. Lembro-me de um homem que depois de sofrer vários acidentes no mesmo dia, voltou-se para o céu e gritou:

— Quer matar, mata. Mas não judia!

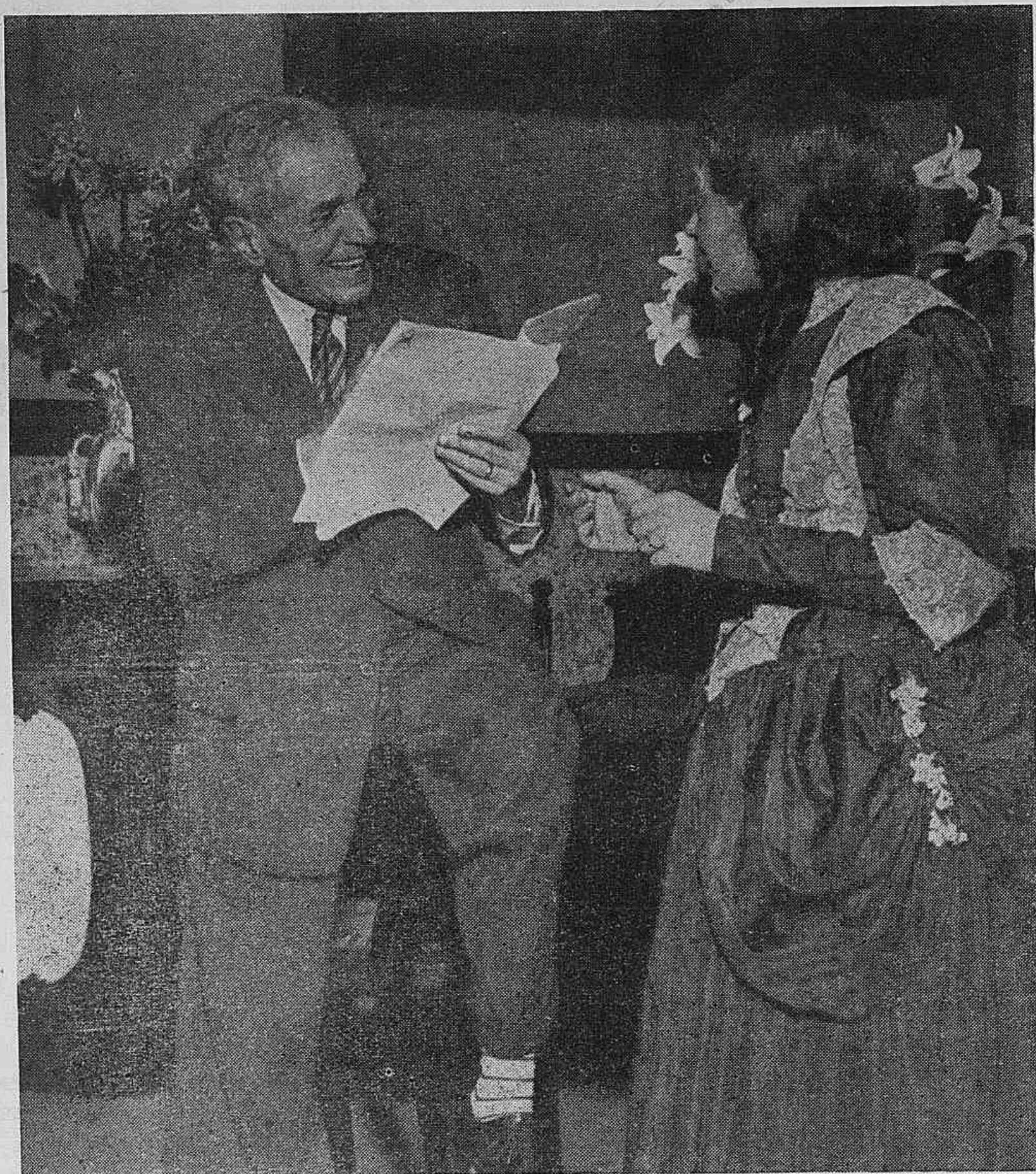
Parece que a Atlântida não só matou alguns, por decapitação, como também é ré de algumas sevícias...

LÚCIA BENEDETTI

(Especial para A CENA)



CINEAVANRO



O professor Eduardo Vieira, ensaiando uma jovem amadora do Club Ginástico Português, em "O Diário de Sinhazinha", de Alberto Leal, premiada no concurso da REVISTA DA SEMANA.

Bôa

ESTRÉLAS E CANASTRÕES

O prefeito de Belo Horizonte, sr. Octacílio Negrão de Lima, oficiou à SBAT, agradecendo as felicitações pela sua eleição e declarando, quanto às obras do Teatro Municipal, atualmente interrompidas, que serão recomeçadas "quando for oportuno". Ora, essa, senhor prefeito! Não podia ser mais oportuna a conclusão de uma obra que honraria os foros de grande capital, culta e civilizada, que é Belo Horizonte... O que não é oportuno é que a capital mineira fique sem teatros...

— Reabriu-se quinta-feira, 12, o Serrador, com uma nova série de representações de "Divórcio", o grande sucesso dramático dos últimos tempos. Em seguida, Bibi Ferreira, Alma Flora e Palmeirim Silva se apresentarão em "A Pequena Catarina", uma deliciosa comédia francesa de Régis Gignoux e Jacques Théry.

— Mesquitinha e seus artistas, entre os quais Natara Ney, reapareceram no Rival, na sexta-feira, 13 do corrente, com a engraçada comédia de Armando Gonzaga, intitulada "O folgado".

— Afonso de Carvalho, deputado federal, autor de uma biografia de Caxias, que já logrou várias edições e conselheiro da SBAT, acaba de escrever para Procópio Ferreira uma interessante peça sobre a vida do conselheiro Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, sob o título de "O Bobo da Corte".

— Celestino Silveira, o festejado escritor, que ultimamente tem colaborado com Berliet Junior em várias peças de teatro, escreveu o argumento de "Folias Cariocas", uma película de assunto carnavalesco filmada pela Tapuia, de Souza Barros, com os artistas teatrais Dercy Gonçalves e Silva Filho, juntamente com o cômico do rádio Lauro Borges, o Otelo Trigueiro da PRK-30, da Rádio Nacional.

— Dulcina e Odilon reaparecerão no Rio a 12 de março, no Regina, com "A Águia de Duas Cabeças", de Jean Cocteau, com cenários de Osvaldo Motta e Cajado Filho, sendo o primeiro responsável também pelos figurinos.

— Jayme Costa vai dar uma peça de Sarah Marques, intitulada "Fora da lei".

— Iniciou-se quinta-feira, 12, a temporada de Renato Vianna e seu Teatro Anchieta, no Regina, com a peça "Jesus bate às portas".

A MORTE DE UM BATALHADOR

O teatro brasileiro acaba de perder um dos seus maiores batalhadores: o professor Eduardo Vieira. Era um antigo ator e terminou sua vida como diretor, colocando sua experiência ao serviço dos outros.

★

Nascido em Portugal, fez-se brasileiro pelo coração. Adquiriu a nacionalidade brasileira. Coelho Neto, que o estimava e admirava, confiou-lhe uma das cadeiras da Escola Dramática Municipal, quando nomeado para dirigi-la. Os primeiros espetáculos do Teatro Municipal, — com obras de Coelho Neto, João Luso, Julia Lopes de Almeida, João do Rio, Roberto Gomes e Oscar Lopes, tiveram sua colaboração. Pascoal Segreto repousou nele, nos seus conselhos, na sua direção, — e graças a ele fez parte da fortuna que deixou aos seus sucessores.

★

O São José foi um dos

teatros que ele dirigiu, até o incêndio do qual, mais tarde, ressurgiu como cinema. Ali, dirigiu Dulcina, Odilon, Conchita de Moraes, Aurora Aboim, Manuel Durães, Silvio Vieira, etc. Depois disso, veio sua aposentadoria na Escola Dramática Municipal, que só deixou quando atingido pela lei constitucional que estabeleceu o limite de idade dos servidores públicos. Mas Eduardo Vieira não era, na expressão real da palavra, um "aposentado". Ao contrário, continuava dinâmico, ativo, contribuindo com o seu conselho para melhorar o nosso teatro. Assumiu a direção da Companhia Jayme Costa, fez temporadas mais brilhantes. Foi a fase de peças como "Carlota Joaquina", com duzentas e muitas representações, prêmios do governo e da crítica, que a consagrou unanimemente. Foi nessa peça o seu último trabalho como ator no papel de José Albano Cordeiro. Uma ameaça de derrame cerebral, no Ceará, afastou-o

do palco como ator, e em seguida da Companhia Jayme Costa. Mas, uma vez restabelecido, iniciou uma etapa nova, como diretor, guiando os passos ainda indecisos de uma futura "estrela" que surgia e de uma companhia fadada a vencer em toda a linha: a de Eva Todor, hoje a caminho de Portugal. Todo o repertório de dez anos de atividade dessa companhia, — cerca de sessenta peças, — foi preparado pelo grande trabalhador que acaba de desaparecer, aos 80 anos de idade, — voluntariamente, pois suicidou-se, pondo fim a uma enfermidade incurável, na terceira tentativa, a que fôra levado por uma neurastenia aguda e pela desesperança de cura.

Poucos homens terão trabalhado tanto pelo nosso teatro. E por isso mesmo faria jus a que seu nome fôsse dado a uma das nossas casas de diversões ou a uma das nossas ruas.

JOAO JOSE'



Procópio Ferreira tem melhorado sensivelmente. Continua, entretanto, ausente do Serrador, por ordem médica, sendo substituído em "Divórcio" por seu brilhante colega Palmeirim Silva.

ASTROS E NEBULOSAS

Jaime Moreira Filho pretende deixar a Mayrink Veiga, estando em negociações com a Rádio Cruzeiro do Sul para comandar seu departamento desportivo. As negociações se vêm realizando debaixo de grande sigilo e caminham para bom entendimento. A saída de Jaime Moreira Filho da P.R.A-9 será mais um golpe nessa veterana emissora.

—Mário Mansur e Daisy Lucidi reunidos num interessante programa, eis a novidade da Rádio Globo. Ambos apresentam-se em «Cartas e Canções de Amor», irradiado às terças e quintas-feiras, às 23 horas e 30 minutos. Trata-se de cuidado cartaz, em que são revividas cartas de amores célebres, entremeadas de música romântica.

— Sadi Cabral vai deixar o rádio. Homem de teatro, como sempre fez questão de ser, voltará em março a pisar o palco, à frente de sua própria companhia. Dêsse modo, perderá a P.R.E-3 um excelente colaborador que, durante a ausência de Amaral Gurgel, conduziu com acerto os programas rádio-teatrais. Sadi iniciará sua temporada teatral em Belo Horizonte.

— Pedro Anísio volta a dar um ar de sua graça. O vitorioso «broadcaster» entregou ao



Sadi Cabral, que vai deixar o rádio para se dedicar exclusivamente ao teatro. Ele foi um dos criadores de «Carlota Joaquina», «Iaiá Boneca», «A barreira da Zuzú» e outros êxitos.

elenco da P.R.G-3 a sua mais recente produção. Trata-se da novela «Minha vida pela tua», transmitida às segundas, quartas e sextas-feiras, das 20 horas e 30 minutos em diante. Esse trabalho de Pedro Anísio está sendo muito comentado entre os aficionados do gênero.

— Hélio Tys e Manuel Jorge, dois conhecidos radialistas, enveredaram pelo caminho da cinematografia, prometendo-nos, para breve, uma interessante produção, a ser rodada nos estúdios da Imperial. Esses dois elementos integram o quadro redatorial da Mayrink Veiga, sendo que o segundo é o responsável por «Cine-Reportagens P.R.A-9».

— Gastão Pereira da Silva enveredou mesmo pelo rádio. Depois do êxito alcançado com «Uma vida», ele acaba de terminar «Chantagem», no-

(Cont. na pág. 33)



Aqui estão, em uma fotografia expressiva, as princesas do rádio, colocadas em segundo, terceiro e quarto lugar no concurso de que saiu vitoriosa a rainha Dirce Batista. São elas: Lúcia Bastiani, da Nacional, Daisy Lucidi, da Globo, e Lenita Bruno, também da Nacional.

MISCELÂNEA RADIOFÔNICA

O rádio está melhorando, ninguém o pode negar. Conta com uma boa equipe de escritores, regular número de músicos e apreciável parcela de artistas. A linha de programações valorizou-se, as melodias populares subiram no conceito dos entendidos e as páginas musicais dos grandes mestres, já são recebidas com vivo interesse pela classe média. A própria novela, fugindo ao lugar comum dos crimes por amor, enveredou por outro prisma, atraindo a atenção dos ouvintes de gosto apurado. A publicidade comercial, por sua vez, melhorou cem por cento. O dedo do patrocinador deixou de influir sobre os textos, ouvindo-se anúncios interessantíssimos. E' o caminho para a redenção da radiofonia nacional e a "standardização" do lema "renovar ou morrer". Tudo quanto não presta está sendo posto à margem. Se alguém o aproveita, cai no conceito popular. A estação desequilibra-se. Os ouvintes fogem dela como o diabo da cruz. E' preciso melhorar sempre, despertando o interesse do rádio-escuta com atrações originais. O passado que fique para trás.

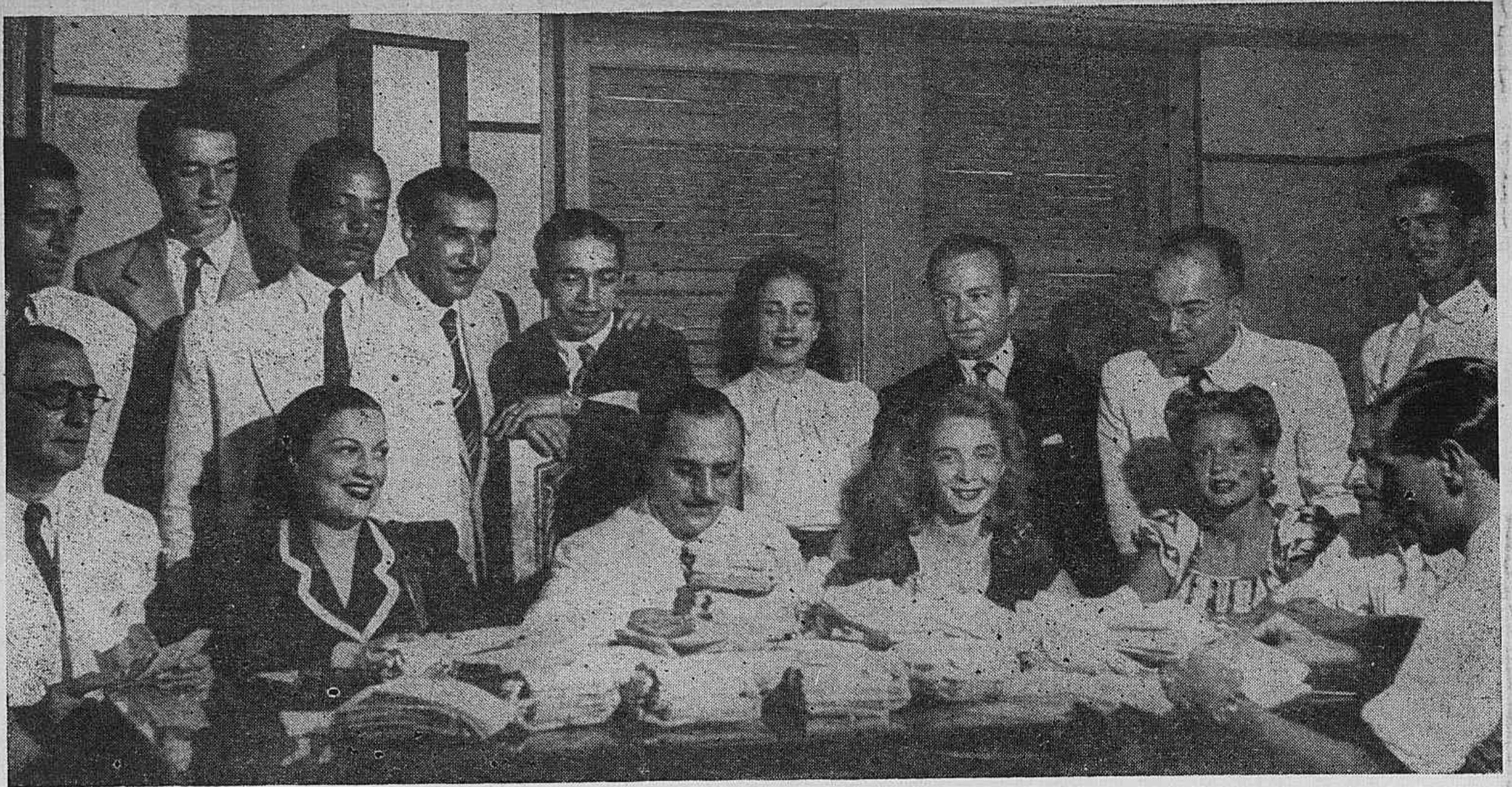
★

Berliet Junior triunfou com as "Lendas Maravilhosas". Foi uma vitória toda sua, conseguida à custa de seu poder imaginativo. Vivendo do rádio, limita-se a fazer obra educativa. Questão de escrupulo. Poderia tornar-se humorista, explorar as pilhérias da alcova e arrancar torrentes de riso. Mas, prefere ser honesto, contribuindo para a higienização das ondas hertzianas. De Berliet, jamais se ouviu uma história imprópria. Desde o "Teatro Policial" até "Pelos Esquinas da Vida", tudo dele é limpo, higienizado, educativo. Berliet Junior é uma espécie de bom exemplo. Por isso, recebemos com simpatia, suas "Lendas Maravilhosas", agora postas em livro pela Pongetti. E' mais uma vitória do rádio limpo a publicação do volume em apreço. Após a leitura desse livro, chega-se à conclusão de que o "broadcasting" nacional possui gente de talento. "Lendas Maravilhosas", que ora aparece em letra de fôrma, foi um programa que despertou a simpatia de todos, pelo sentido moral de suas histórias. O mesmo acontecerá com o livro, estamos certos.

★

Tinhamos nossas dúvidas quanto ao êxito de Raul Brunini como animador de programas, embora o sabendo um ótimo "announceur". Ouvimo-lo comandando "Agente as consequências", cartaz que teve em Paulo Gracindo seu primeiro animador. De início, Brunini mostrou-se indeciso, tropeçando nas brincadeiras postas aos candidatos. Nervosismo, talvez. Porque, atualmente, ele nada fica a dever a Paulo Gracindo. Atua com desembaraço, pilheria sem ofender e conduz com acerto esse divertido cartaz dominical da Rádio Tupi. Ainda bem que o locutor paulista desfez nossas dúvidas...

A. MIGUEIS



Em cima: Um flagrante da apuração do pleito para a escolha da Rainha do Rádio de 1948, vendo-se ao centro Vitor Costa, presidente da Associação Brasileira de Rádio, ladeado de Dircinha Batista, Lidia Bastiani e Lenita Bruno. Ao lado, um flagrante de Dircinha, em sua residência, preparando-se para o Baile da Coroação.

DIRCINHA BATISTA, UMA PERFEITA RAINHA

COROADA ACS VINTE E QUATRO ANOS DE IDADE A EX-GAROTA PRODÍGIO DO RÁDIO CARIOCA — PARECE QUE A CORÔA NÃO SAIRÁ MAIS DA FAMÍLIA — VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS — OS ESTÚDIOS DE WALT DISNEY PODEM FAZER UMA SURPRESA.

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

QUANDO o repórter entrou no apartamento de Dircinha Batista, eleita um dia antes "Rainha do Rádio de 1948", ela mesma nos abriu a porta. Apertou-nos a mão e saiu correndo. Correu para o telefone para atender a um outro colega que desejava também uma entrevista. Dona Nenem, mãe das três irmãs Batistas, pôs-nos à vontade na sala de visitas. Aguardamos durante dez minutos a presença da Rainha, porque o telefone não parava de tilintar. Felicitações, pedidos de entrevistas e uma porção de novidades. Foi preciso que Dircinha mandasse responder

que não estava em casa, afim de ficar por meia hora à nossa disposição. E quando conseguiu esse tempo disponível, comentou sorridente:

— A eleição, meu filho, me fez perder muitos quilos. E' um corre-corre interminável. Nada como uma eleiçãozinha para melhorar a linha.

A apuração terminara na tarde anterior, na sede da Associação Brasileira de Rádio e Dircinha sagrara-se vencedora por uma margem de mais de doze mil votos da segunda colocada, a cantora Lidia Bastiani, da Rádio Nacional. Em seguida colocaram-se Daisy Lucidi, da Rádio Globo, e Lenita Bruno. Dircinha não contava perder e isso ela nos confessa sem nenhuma falsa modéstia e explica-nos por que.

— Tive como cabô eleitoral minha irmã Linda Batista que, como você sabe, foi rainha do rádio durante onze anos consecutivos. Quem poderia resistir a um pedido de tão consagrada rainha? Foi ela quem me influenciou para concorrer e chegou a garantir que era vitória certa. O senhor Herbert Moses, o primeiro a assinar um voto em meu nome, também profetizou a minha vitória.

Dircinha não deseja melindrar as princesas com as suas afirmações. Entretanto todos reconheciam que as três outras concorrentes não tinham o tempo de vida artística e de constantes sucessos da rainha eleita. Daisy Lucidi, Lidia Bastiani e Lenita Bruno são três promissoras "estrelinhas" do rádio carioca e, possivelmente, futuras rainhas nos concursos da ABR em anos vindouros.

A esquerda: Dircinha e "Clandestino" o seu cachorrinho de estimação. A direita: a artista da Tupi ao lado de dona Nenem, rainha-mãe há dezoito anos.

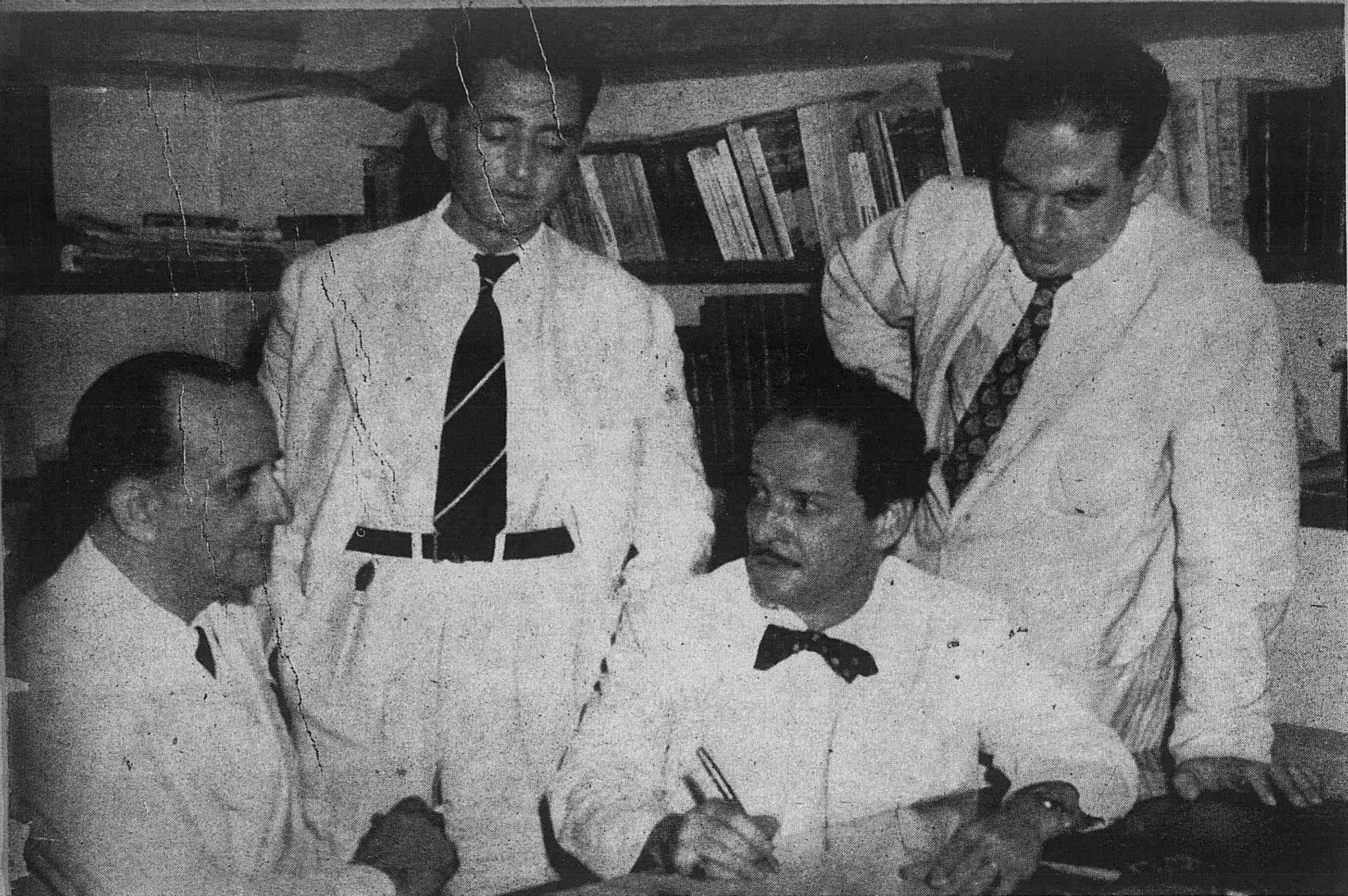
UMA RAINHA QUE NÃO PODE ESCONDER A IDADE

Dircinha Batista, como é de praxe a tôdas as rainhas, não pode esconder a idade. Mesmo que o quisesse não conseguiria. Todo o mundo sabe que a atual artista da Tupi estreou como cantora há dezesseis anos, com a idade de oito anos. Verdadeira criança prodígio no setor de interpretação de música popular brasileira. A menina Dircinha foi crescendo sem

(Continua na pág. 33)







Ato da assinatura do contrato entre Moacir Fenelon e a Cinédia, de um lado, e Rodolfo Mayer, do outro, para a filmagem de "Obrigado, doutor". Está também na fotografia o autor do argumento, Paulo Roberto.

RODOLFO MAYER VOLTA AO CINEMA

RODOLFO MAYER vai voltar ao cinema. O ator que fez o galã de «O samba da vida» e viveu o Tiradentes de «Inconfidência Mineira», — que o consagraria como intérprete cinematográfico se Carmen Santos afinal lançasse essa produção histórica que já se vai tornando lendária pela sua demora em vir a público, — vai ser o protagonista de «Obrigado, doutor!», um filme de grande intensidade dramática, que Moacir Fenelon dirigirá, no estúdio da Cinédia.

Rodolfo Mayer pertence, hoje, ao quadro da Rádio Nacional, onde conquistou grande popularidade. Seu trabalho no rádio não o afastou

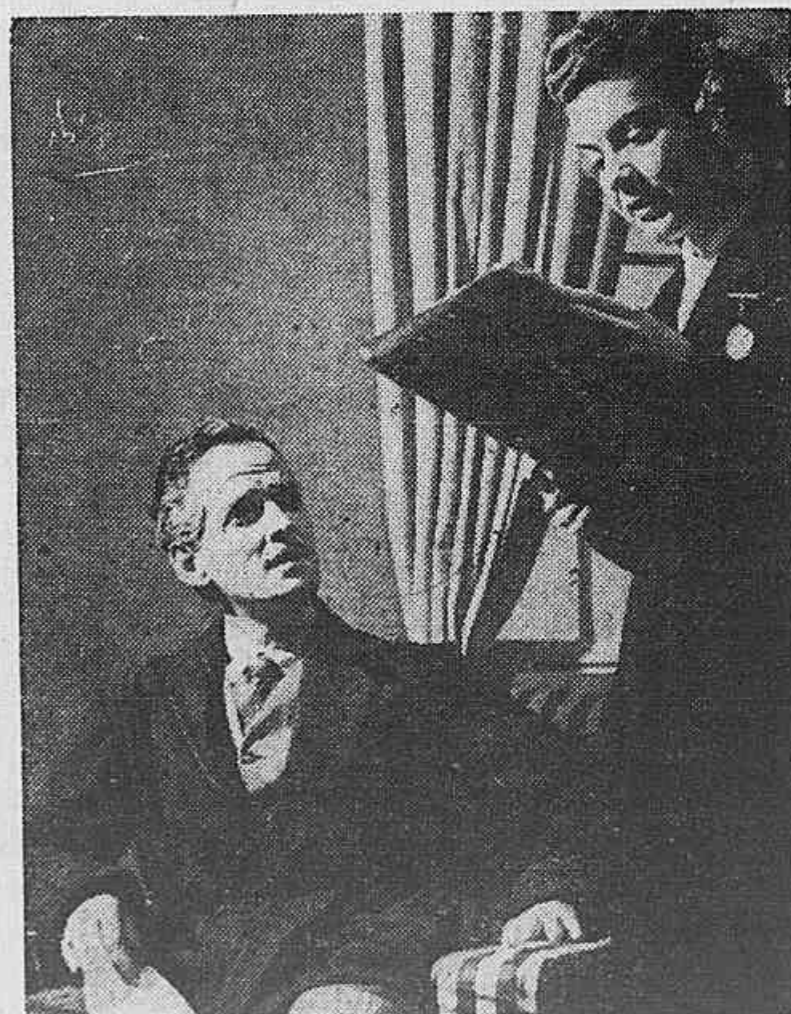
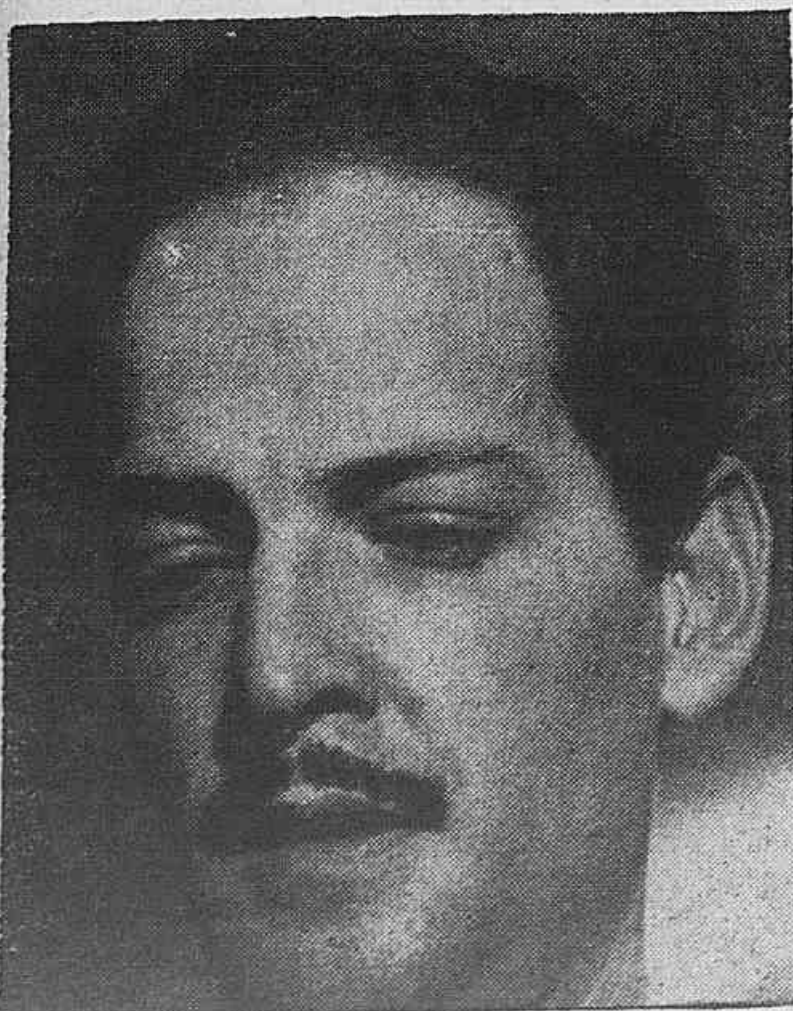
O GRANDE INTÉRPRETE DRAMÁTICO DA RADIO NACIONAL SERÁ O PROTAGONISTA DE "OBRIGADO, DOUTOR!"

inteiramente do teatro. Ao lado de Maria Sampaio, no Fênix, ele brilhou de maneira significativa em «Luz de gás», a grande peça dramática de Patrick Hamilton, e em outras obras do repertório ali representado, como «Perfidia», de Lillian Hellman; «Uma mulher sem importância», de Oscar Wilde; «A Família Barrett», de Rudolf Besier, etc. Rodolfo Mayer mereceu, nesse ano, expressivo tributo, — o de ser premiado com a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, como o melhor ator de 1946. Ainda há pouco, tendo adoecido Procópio Ferreira, logo após a estréia de «Divórcio», Rodolfo Mayer, atendendo gentilmente a um convite de Bibi Ferreira, em verdadeiro «tour de force», aprendeu o difícil papel central da peça de Clemence Dane, desempenhando-se a contento e mantendo-se naquele posto durante cerca de quinze dias.

A notícia de que o correto ator Rodolfo Mayer vai voltar brevemente ao cinema em um filme dramático é tanto mais significativa quanto é certo que, não tendo cabimento sua participação nos filmes musicais sem pés nem cabeça, improvisados nesta época do ano, é necessário que um entrêcho com sentimento e desenvolvimento lógico seja escrito para aproveitar-lhe o talento. Esse argumento foi escrito por Paulo Roberto, — que, além de ser médico, exercendo essa profissão sob o nome de dr. José Marques, em um dos nossos hospitais públicos, — é também um experimentado autor

A esquerda: Rodolfo Mayer vai voltar ao cinema em "Obrigado, doutor!", dirigido por Moacir Fenelon. A direita: Rodolfo Mayer e a atriz Cirene Tostes em uma cena de "Perfidia", uma das peças que criou em 1946.

de programas dramáticos do nosso «broadcasting». Um dos seus programas mais popularizados é, precisamente, o que se intitula «Obrigado, doutor!», e que a Rádio Nacional vem transmitindo. O filme de Rodolfo Mayer será a ampliação de um episódio inédito dessa série de aventuras empolgantes que já conquistaram os rádio-ouvintes. Moacir Fenelon, que se desligou há pouco da Atlântida, que ajudou a fundar, para trabalhar por conta própria, declarou-nos que espera realizar agora o seu melhor filme. Paulo Roberto e Rodolfo Mayer também estão entusiasmados com a nova aventura, que Ademar Gonzaga prestigia em nome da Cinédia.



JACY MENEZES

COMEÇOU NO TEATRO DE AMADORES

DO DESEMPENHO DE PAPÉIS MODESTOS A INTÉRPRETE DAS PEÇAS DE JORACY CAMARGO — IMITANDO CARMEN MIRANDA PARA VARIAR O ESPETÁCULO, CHEGOU A CARTAZ DO RÁDIO CARIOCA — A ATUAÇÃO NOS "SHOWS" DOS CASINOS, COMPLEMENTO DE SUA CARREIRA ARTÍSTICA

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

Fotografias de HALFELD

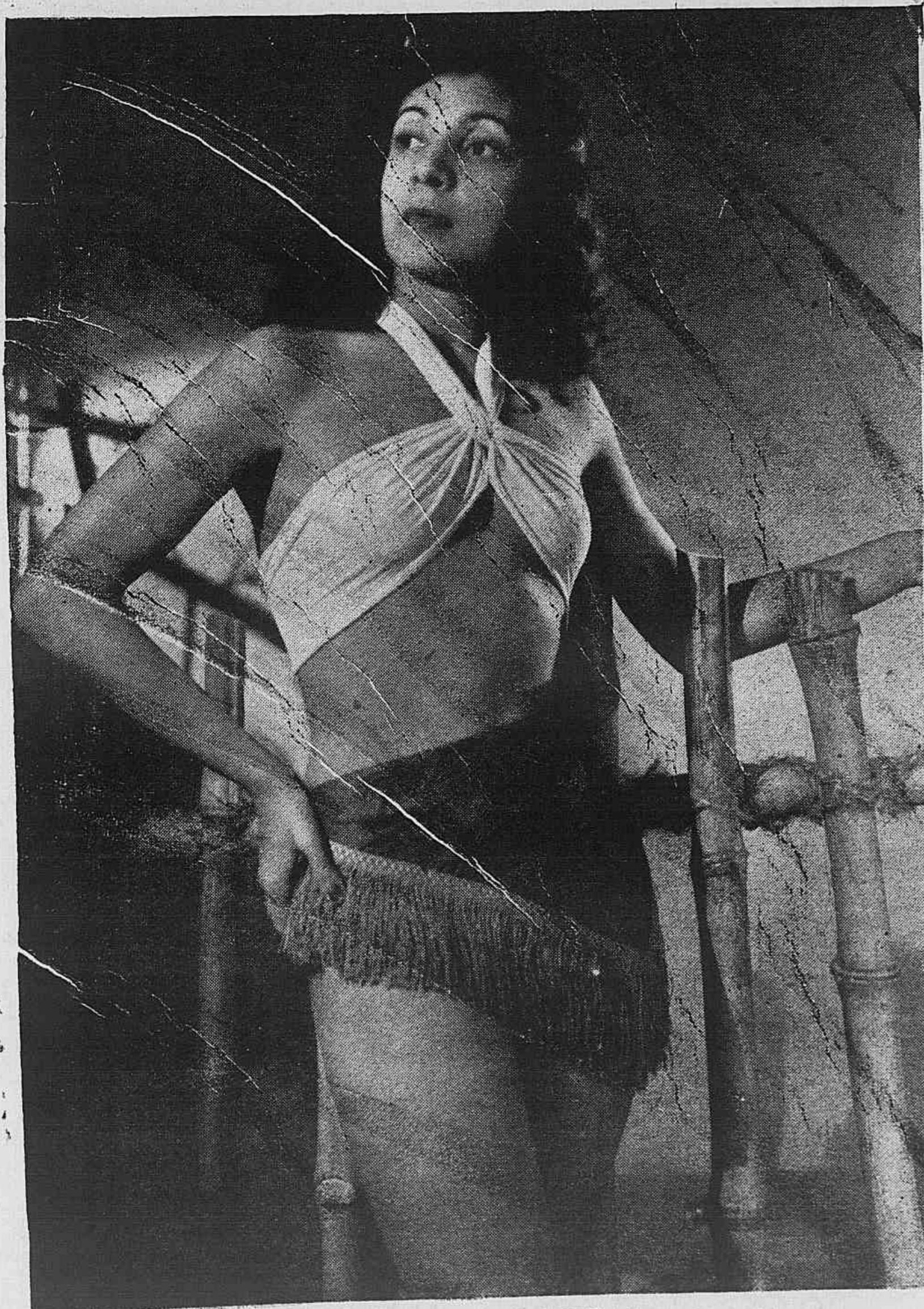
CRIATURA diferente, a folclorista Jacy Menezes. Educada num meio propício à expansão de seu talento artístico limitou-se, de início, a participar de modesto teatro de amadores, vivendo pequenos papéis em trabalhos de autores nacionais. Mais tarde, à custa da experiência adquirida no contacto com a ribalta, formou no elenco "Jhalf-Pran", passando a categoria mais elevada. Dessa maneira, abrilhantou a temporada desse elenco no Teatro Rio Branco, tomando parte em comédias de Eurico Silva, José Vanderley, Renato Viana e outros. Na popularíssima comédia "Compra-se um marido", desempenhou o papel de "Patrícia", absorvendo a atenção da platéia sergipana, a

ponto de a peça ser reprisada. Idêntica passagem ocorreu com o trabalho de Eurico Silva, "Um Homem", em que a jovem artista revelou suas grandes qualidades para o teatro, vivendo uma cena dramática.

O canto, outra paixão artística de Jacy Menezes, nessa época estava em fase embrionária. Ela apresentava-se em recitais íntimos e, quando não, participava de atos variados, interpretando composições escolhidas do cancionero internacional. Eram números que se intercalavam a contento, distraindo os habitués do velho Teatro Rio Branco. Algumas vezes até, a nossa reportada imitava Carmen Miranda, cantando números do repertório da "Pequena Notável" que, nesse período,



Jacy Menezes principiou no palco. Entre o intervalo de uma cena, ela interpretava números do folclore brasileiro. Mais tarde, participou da Cia. Italia Fausta e hoje é exclusiva da PRE-3, onde canta às quintas-feiras, às 18 horas.



do, já desfrutava de enorme popularidade em todos os recantos do Brasil. Com isso, Jacy assegurava um lugarzinho ao sol radiofônico, porquanto sua maior ambição era desfrutar de um contrato no "broadcasting" carioca.

Antes de conhecer a terra carioca, a simpática "estrêla" desejou visitar o interior de seu torrão natal. Deixando Aracajú, após brilhante atuação artística, visitou Propriá, onde levou a efeito uma temporada de sucesso no Teatro Odeon. Nessa casa de espetáculos cantou sambas gostosos, interpretou canções orientais e valsas dolentes, a ponto de os jornais afirmarem que ela se fez grande na admiração de todos e muito maior na saudade de cada um. É que sua voz já encantava, fascinava, arrebatava.

★

Numa dessas manhãs de sol nordestino, Jacy Menezes disse adeus à terra sergipana. Junto a seu repertório musical carregava um punhado de esperanças no futuro e uma bruta vontade de triunfar em outras plagas. A Bahia era seu primeiro ponto de escala. E mal o Ita apitou no cais, já os componentes da Associação de Cultura Teatral, a esperavam, conhecedores que eram de sua arte. Desvanecida com essa prova de apreço dos artistas baianos, a vitoriosa "estrêla" participou de alguns ensaios da associação e cantou vários números do seu repertório para quantos a compunham. E nesse ambiente de perfeita cordialidade, cercada do carinho de quantos se dedicavam à arte de Talma, ela passou momentos agradáveis. Não fosse o desejo de conhecer o Rio, talvez a estadia de Jacy Menezes em solo baiano se prolongasse. Deixando a "bôa terra", a voz morena de Sergipe demandou para a Cidade Maravilhosa, onde tentaria o rádio.

Foi com grande nervosismo que a ex-integrante do "Jhalf Pran" desembarcou na Praça Mauá. Seus olhos, maravilhados com a paisagem do Rio, voltaram-se para o edifício de "A Noite", como que à procura de algo cobiçado. Eles sondavam a altura, investigando as torres das estações cariocas. Porém, estas estavam muito distantes... Perdidas nos subúrbios, com suas lâmpadas vermelhas a faiscar durante a noite... Mas, alguém, em palestra com a cantora, preveniu-a

(Continua na pág. 34)

Plástica perfeita, bom material de voz, apreciável interpretação, a exclusiva da Globo chegou a imitar Carmen Miranda, uma vez que possui bossa e malícia.

NO MUNDO ENCANTADO DE WALT DISNEY

Por GILBERTO SOUTO

(Especial para A CENA)

BONGO é um novo «astro» de Hollywood. É um sério candidato a um lugar de honra na Galeria do Riso de Walt Disney — Bongo, um dos mais divertidos e encantadores personagens criados pelo famoso desenhista.

Como seus predecessores Dumbo e Bambi, Bongo aparece como um «astro» logo na sua primeira película — o que é, todavia, uma raridade. Mickey Mouse também o conseguiu, mas isso foi no tempo dos primeiros desenhos animados, de curta metragem, e Mickey somente se tornou uma celebridade depois de aparecer em algumas fitas.

«Bongo», que é uma produção em technicolor, distribuída pela RKO Radio Pictures, constitui uma novidade combinando duas histórias, ligadas por dois elementos interessantes: Edgard Bergen, com seus bonecos Charlie McCarthy e Mortimer Snerd, e as canções de Dinah Shore. Uma história é «Bongo» e a outra é uma versão feita por Disney de um antigo conto de fadas dos ingleses.

Bongo é um pequeno urso de circo, famoso pelas suas proezas de acrobacia e variadas habilidades. Terminados os espetáculos, põem-no na jaula e esquecem-se dele. Assim, o pobre Bongo sonha com a vida livre dos sítios selvagens, e, obcecado com a idéia da liberdade, um dia acaba fugindo.

Livre, enfim, Bongo faz-se amigo de todos os animais da floresta, diverte-se imensamente. Mas quando a noite vem, ele fica horrorizado com os ruídos estranhos da floresta e, apavorado, decide, tristemente, voltar no dia seguinte para o circo.

Mas, então, Bongo encontra Lulubelle — uma linda ursinha cheia de curvas, que cativa o fugitivo com um simples revirar de olhos... Foi um caso de amor à primeira vista, mas Lulubelle subitamente dá uma ressoante palmada em Bongo, que se sente desprezado e ofendido.

Para maior tristeza, Bongo é pôsto à margem por Lumpjaw, um urso grandalhão que alimenta idéias românticas a respeito de Lulubelle. Bongo fica de longe, infeliz, vendo seu rival fazendo a corte à ursinha — mas, notando que Lumpjaw também lhe dá palmadas, compreende que desde o começo Lulubelle tinha gostado dele.

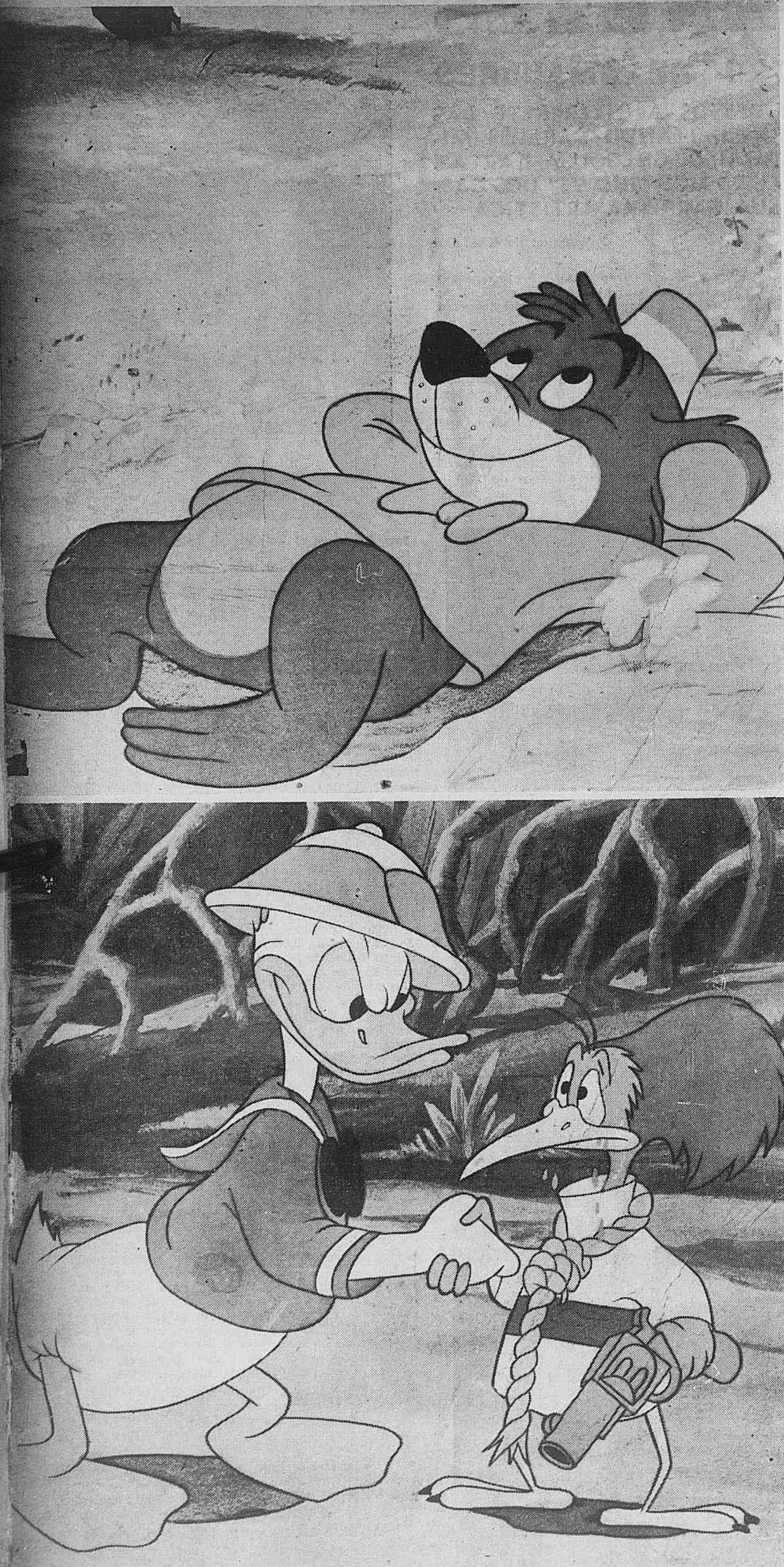
Bongo transforma-se em um terrível lutador, na defesa da sua dama e do seu amor. E o enorme Lumpjaw não é antagonista que possa com o antigo acrobata de circo, mestre de tantos truques de força, sendo derrotado em uma luta espetacular.

Eis, pois, Bongo, — divertido, valente e apaixonado, — um dos mais encantadores caracteres surgidos do lápis mágico de Walt Disney.

Parece difícil conciliar o autor de tantas obras de crítica social, como «Babbit», «Main Street», «Arrowsmith» e «Kingsblood Royal», com um personagem encantadoramente simples como Bongo; mas, de fato, foi Sinclair Lewis quem escreveu originalmente as aventuras do urso de circo, para um magazine popular, tornando-se a história uma espécie de obra clássica no gênero.

(Continua na pág. 34)

Bongo, o novo «astro» de Hollywood
O Pato Donald aperta a mão do Aracua



Kirk Douglas no papel de capitão Peter Niles, oficial da União na Guerra Civil, em 1865, enamorado de Rosalind Russell, na película «Mourning Becomes Electra». Os outros artistas, no mesmo elenco, são Michael Redgrave, Raymond Massey, Katina Paxinou e Leo Genn

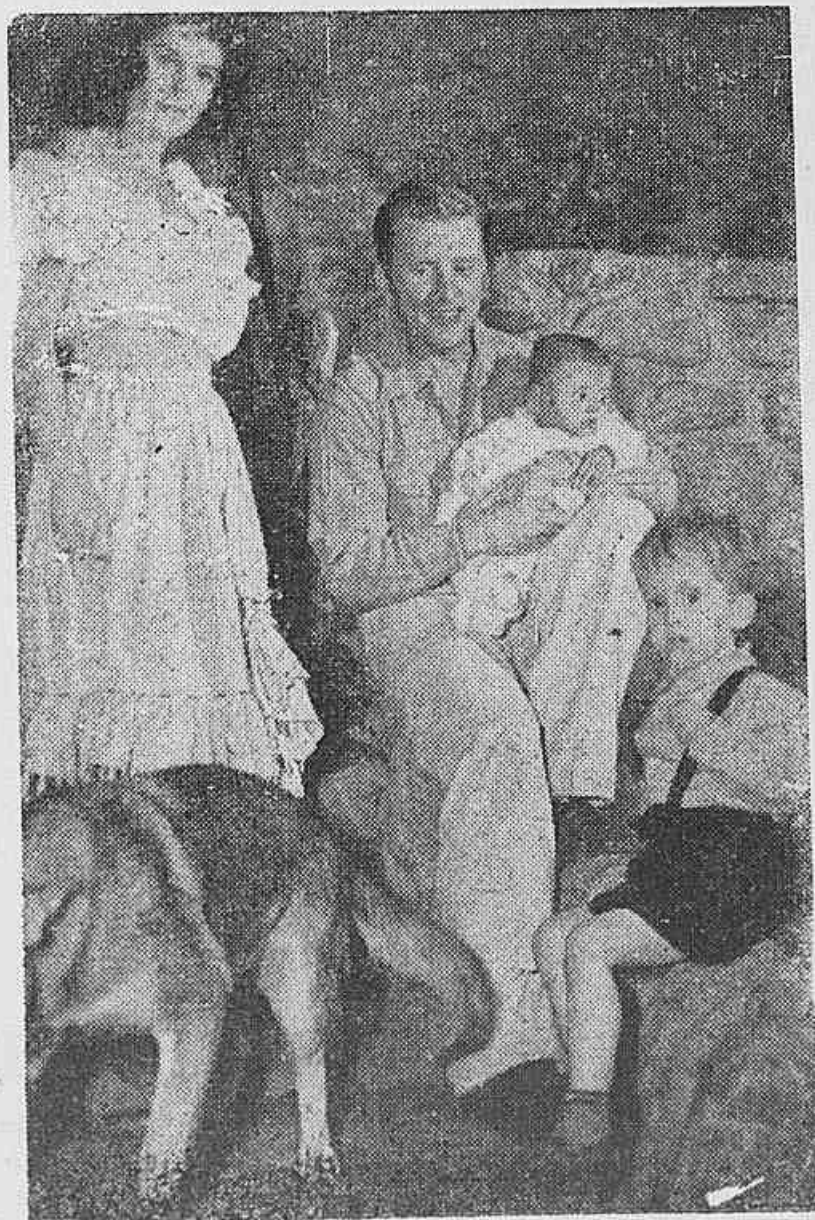
EM um rápido encontro com Kirk Douglas, no estúdio da RKO Radio, recolhi dele interessantes impressões.

— Uma das coisas que tenho observado em Hollywood, desde que aqui cheguei, há alguns anos, é que muita gente vive de um modo assaz artificial — observou Kirk Douglas. — Essa gente parece não compreender que é uma necessidade estar em contacto com a vida real e com as coisas que se acham sobre a terra... Porque as nossas mãos não foram feitas unicamente para manejar lápis, utilizar máquinas de escrever ou fazer gestos diante de uma «camera», num estúdio. Representar é a minha profissão, e não me importa falar da minha carreira artística, como qualquer outro ator. Mas gosto mais de falar de tudo o que eu faço para manter contacto com a vida real — como pintando uma velha casa, limpando um jardim, ou, enfim, fazendo qualquer coisa em que possa, de u'a maneira construtiva, utilizar as minhas mãos.

Prosseguindo, Kirk Douglas rememorou seu passado de ator:

— De fato, recordando o passado, parece que sempre tive que fazer algo com as minhas mãos, para ganhar o pão de cada dia: fui empregado numa tipografia, garçon, «vagalume» de cinema, mecânico, marinheiro da Armada dos Estados Unidos e pugilista... Como pugilista, como é natural, dei muito que fazer às mãos... Comecei a lutar nos tempos de escola, na Universidade de St. Lawrence, situada perto da fronteira do Canadá. Não havia dinheiro na escola, para jogos atléticos dispendiosos, mas tínhamos um bom quadro de lutadores, e eu fazia parte dele. Uma vez, durante as férias, um dos meus colegas lutadores arranhou trabalho num circo, como atleta, e preparamos um «número» para divertir o público... Em cada cidade, depois dos seus outros «números», meu amigo lançava um desafio aos espectadores, e, da platéia, eu o aceitava. Depois de uns 10 minutos de combate, vendo que não me vencia, o meu camarada começava a ficar carrancudo e zangado, de fingimento, é claro; mas o público ficava a meu favor, e valava o outro...

Retrato de família. O ator Kirk Douglas com seu filho mais moço, Joel, no colo, sua esposa Diana Dill e seu filho mais velho, Michael, de 3 anos



UM POUCO DA VIDA DE KIRK DOUGLAS

O JOVEM ATOR ESTÁ NO ELENCO DE "MOURNING BECOMES ELECTRA", AO LADO DE ROSALIND RUSSELL, MICHAEL REDGRAVE E RAYMOND MASSEY

Por JAMES COX

(Especial para A CENA)

Quase ao terminar o tempo que nos cabia na representação, meu amigo então me provocava ostensivamente, para um «pega» pessoal, valendo tudo, para acabarmos... No fim, estávamos tão cansados que um de nós murmurava ao outro: «Vamos acabar, agora»... Acabávamos. Recebíamos o que nos cabia e fomos jantar juntos. Era divertido — como é divertido hoje ficar em casa e realizar tarefas manuais... Sempre, aliás, tive que fazer trabalhos de natureza material, para completar os meus estudos, tanto em St. Lawrence como na Academia Americana de Arte Dramática. Foi somente depois de terminar a guerra, em que servi na Marinha dos Estados Unidos, que tive

a oportunidade de vir para Hollywood. Havia conseguido uma «ponta», numa peça em Nova York, e tivera a sorte de ser notado nessa «ponta» pelo diretor Hal Wallis, que, por acaso, fôra ao teatro da Broadway em que eu estava representando. Meu primeiro trabalho na tela foi interpretando o papel de marido de Barbara Stanwyck em «O tempo não apaga» (The Strange Loves of Martha Ivers). Depois disso, os meus papéis têm sido geralmente os de sujeitos que terminam a vida sempre de maneira violenta. Agora, todavia, tive uma interpretação diferente, — a de um rapaz decente, que não acaba essas-

(Continua na pag. 34)



George Sanders com a artista infantil Natalie Wood, no estúdio da T. C. Fox. Em baixo: com Gene Tierney, George Sanders aqui aparece em uma cena de "Fantasma apaixonado".



A VIDA PRIVADA DE GEORGE SANDERS

O FESTEJADO ATOR, ESPECIALISTA EM FILMES QUE A LEGIÃO DA DECÊNCIA COLOCA NA LISTA NEGRA, FOI ABANDONADO PELA ESPÓSA — NA TELA CONTINUA SEMPRE "IMPRÓPRIO PARA MENORES"... — ESTA' AGORA NA ITALIA

Por BRIAN YOUNG

(Especial para A CENA)

G EORGE SANDERS, o mais misterioso e trancado ator de Hollywood, que a muitos convenceu da veracidade de suas expressões cínicas sobre as mulheres, finalmente quebrou um silêncio de dez anos por causa da ruína do seu casamento. Depois de um namoro secreto seguido de sete anos de casamento também secreto, foi súbitamente abandonado pela esposa, há já algum tempo.

Nos seus dez anos de Hollywood, George muitas vezes cortou o entusiasmo de indiscretos com um lacônico e categórico "não é de sua conta". Mas agora o ator que mais uma vez vem

de brilhar em "Entre o amor e o pecado" (Forever amber), afinal se abriu. Os poucos amigos que ele tem estão hoje admirados com a sua transformação. E são poucos estes amigos, apenas porque ele nunca procurou fazê-los em quantidade. E foi sempre muito franco a respeito disso: — Sou sempre rude com os outros, receio. Não sei vestir o sorrizinho mundano para agradar. Tenho muito que fazer e não sou um sujeito tratável. Sou, antes, desagradável.

No entanto, os poucos amigos de George Sanders insistem que não foi para ser desagradável que ele sempre manteve a esposa fora

de vista. Fez isso, dizem eles, mais por amor. Queria que ela permanecesse exatamente a mesma... simples, sem afetação, esposa de verdade. Quando ia do estúdio para casa, queria encontrá-la à sua espera, trazendo-lhe tudo que um homem deseja de uma mulher: serenidade, paz, realidade, em lugar de concorrência e artificialidade.

Não resta dúvida de que Elsie, amando-o devotadamente, esperou-o sempre, tudo fazendo para agradá-lo em todas as situações...

Até aquele dia em que George chegou em casa para verificar que Elsie nunca mais o esperaria. Ficava cansada, aparentemente, de esperá-lo e servi-lo. Estava de partida. Disse isso enquanto arrumava as malas. Tomado de surpresa, ele discutiu muito... enquanto ela, metódica, continuava a arrumar as malas. Depois chamou um táxi e partiu.

Hoje, parece impossível que um astro famoso tenha cortejado e desposado uma pequena bem no nariz de Hollywood... sem que ninguém tivesse sabido do caso. E a coisa fica ainda mais inacreditável quando se sabe que a pequena era também atriz profissional. Foi assim que aconteceu: Há oito anos, estando George há dois em Hollywood, conheceu Elsie Poole, cujo nome profissional era Susan Larson. Encontrou-a no estúdio da Fox, onde ambos trabalhavam.

Elsie era uma pequena quieta, sem pretensões que nunca vivera fora do lar, Hollywood. Crescera, estudara e entrara para a indústria da sua cidade natal, Hollywood. Elsie não tinha o menor cartaz quando conheceu o inglês alto, elegante e muito viajado. E o namorado não desperdiçou a menor atenção. George cuidou disso...

Nunca foram vistos juntos na rua, viajando de automóvel, nem mesmo conversando no estúdio. Isso foi conseguido pelo sistema de irem os dois separadamente para o lugar de encontro, que era o fute em que George morava naquela época, atracado num cais da baía de Santa Monica. Durante todo o tempo George continuou mantendo o mesmo padrão de vida. Embora quase todos os atores façam suas refeições em companhia de amigos, ele sempre comeu sozinho, com um livro ou uma revista aberta na sua frente. Terminado o serviço, sumia completamente. Elsie também.

Casaram-se também em segredo... pelo simples processo de fazê-lo abertamente. Em vez de uma fugidinha ao Arizona, entraram na Igreja Metodista de Hollywood, na bela tarde de 27 de Outubro de 1940... e saíram casados. Foi tudo simples assim mesmo. No dia seguinte Elsie se atastou de suas atividades na 20th Century-Fox e pôde-se dizer que sumiu da face da terra.

George, não. Continuou a vida de sempre. Nos dois anos seguintes correram vários boatos de que andava apaixonado por alguém... talvez até casado. Quando alguém lhe perguntava se era verdade, dava apenas uma das suas duas típicas respostas. Ou "Não é da sua conta" ou então começava a cochilar acintosamente, o que fazia calar o indiscreto.

E para evitar maiores atenções, ele às vezes comparecia em público em companhia de lindas atrizes. E propalava aos quatro ventos as suas opiniões sobre as mulheres: — Eu não estrago as mulheres. Não sou do tipo cortês. Não lhes mando flores nem pre-

(Continua na pág. 31)

George Sanders preparando-se para uma cena de "Entre o amor e o pecado" (Forever Amber).





Michael Wilding e Glynis Johns, em uma cena de "Um marido ideal", em que representam Lord Goring e Mabel Chiltern.

nata da sociedade londrina, inclusive Lord Caversham, seu filho Lord Goring e Mabel Chiltern, que está apaixonada por Lord Goring.

A sensação da noite é, sem dúvida, a misteriosa e fascinante Mrs. Cheveley, que chega à recepção com Lady Markby. Mrs. Cheveley, que mora em Berlim, veio para se encontrar com Sir Robert Chiltern — ela conheceu no colégio Lady Chiltern — mas, pela fria acolhida de Lady Chiltern, deduziu que, mesmo em criança, Mrs. Cheveley não foi muito simpática. Também compreendemos que Lord Goring foi seu noivo.

Quando Sir Robert e Mrs. Cheveley conversam na recepção, ela revela ter vindo a Londres para vê-lo e conquistar seu apoio à formação de uma companhia para a construção de um grande canal na Argentina, e a respeito da qual Sir Robert vai falar na Câmara dos Comuns. Informações indicam que o plano da constituição da companhia é um lôgro, e Sir Robert tenciona denunciá-lo na Câmara. Mrs. Cheveley diz-lhe, porém, que, a menos que empreste seu apoio ao projeto, dará a conhecer o fato de que, há muitos anos, quando era um modesto funcionário, vendeu a um alemão informações secretas sobre o Canal de Suez. Esse foi, de fato, o comêço da fortuna de Sir Robert e de seu prestígio político.

Ameaçado com a ruína, se se recusar a aceder ao pedido de Mrs. Cheveley, Sir Robert aceita, e, após a recepção, comunica a Lady Chiltern sua decisão, mas não o motivo. Ela se indigna ante a possibilidade de que seu marido apoie tal projeto, especialmente a convite de uma mulher como Mrs. Cheveley, e, antes de se

Sir C. Aubrey Smith, que faz o papel de Lord Caversham, em "Um marido ideal".

CINEMA INGLÊS

"UM MARIDO IDEAL", A NOVA REALIZAÇÃO DE ALEXANDER KORDA

De ROGER MANVELL

(Especial para A CENA)

«Um marido ideal», filme extraído da famosa peça de Oscar Wilde, é uma das novas realizações cinematográficas de Sir Alexander Korda. Com Paulette Goddard no papel de Mrs. Cheveley, Michael Wilding no do visconde Goring, Hugh Williams no de Sir Robert Chiltern e Diana Wynyard, conhecida de vários filmes de Hollywood, entre os quais «Cavalcade», no de Lady Chiltern, «Um marido ideal» também apresenta em papel de destaque o velho e correto ator Sir C. Aubrey Smith. A história de «Um marido ideal» pode ser assim resumida:

No ano de 1895, em Londres, um dos grandes acontecimentos sociais é uma recepção de Sir Robert e Lady Chiltern, em Mayfair. Sir Robert é um destacado homem público, destinado a ser ministro, e sua esposa é uma mulher encantadora e distinta anfitriã. Na recepção reúne-se a



Hugh Williams e Diana Wynyard, nos papéis de Lord e Lady Chiltern, em "Um marido ideal".

deitarem, convence-o de que escreva uma carta na qual lhe diz que, tendo refletido, não apoiará o assunto.

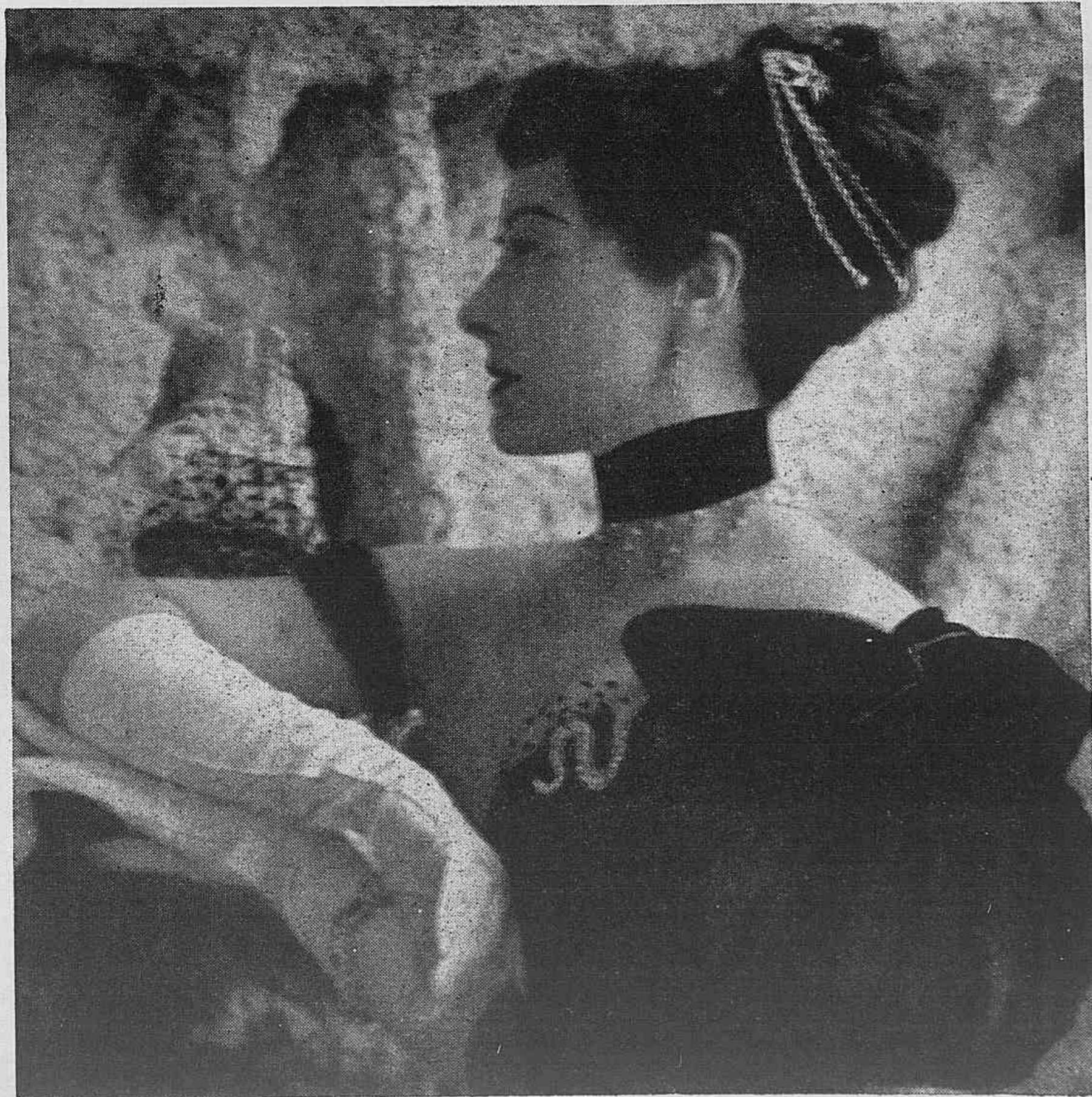
Enquanto isso, na recepção, Mabel Chiltern flirta com Lord Goring, pessoa de poucos méritos. Na poltrona em que estão sentados, encontram uma pulseira, que Lord Goring reconhece como sendo a que dera a alguém há vários anos e que lhe foi roubada. Ele a guarda, a fim de ver quem a reclama.

Sir Robert decide-se a contar tudo a seu amigo, Lord Goring, o qual o aconselha a dizer à sua mulher tudo sobre sua antiga falta. Sir Robert alega que isso será fatal para sua felicidade, pois sua esposa colocou-o num pedestal, e se descobrisse algo tão lamentável em sua vida de solteiro, o matrimônio estaria destruído. Goring persuade-o a lutar contra Mrs. Cheveley, e cabografam a Viena, a fim de averiguar o que ali se sabe sobre as atividades de Mrs. Cheveley.

Lady Chiltern também confia em Lord Goring, o qual tenta dizer-lhe que mesmo um marido ideal não é perfeito. Quando chega à sua residência, o criado anuncia a Mrs. Cheveley e a Lady Markby, e a primeira fica sozinha com a anfitriã o tempo necessário para lhe contar a história do marido. Diz-lhe ainda que o denunciara caso Lady Chiltern não o force a apoiar o projeto da companhia argentina. Sir Robert entra no momento em que Mrs. Cheveley termina a narrativa. Lady Chiltern diz ao marido, depois, que, se isso for verdade, nada mais terão em comum.

Lady Chiltern escreve uma carta a Lord Goring, o qual percebe que ela sabe de tudo. Diz ao criado que está esperando uma senhora e que ninguém mais poderá entrar. Quando soa a campainha, Lord

Paulette Goddard, no papel de Mrs. Cheveley.



Goring vai abrir e se encontra com seu pai, Lord Caversham. Ele insiste em entrar e tratar do futuro do filho. Enquanto isso, Mrs. Cheveley chamou, e o criado, pensando ser ela a senhora esperada, fá-la entrar num salão. Enquanto espera, Mrs. Cheveley vê a carta de Lady Chiltern. Mrs. Cheveley, naturalmente, supõe que Lady Chiltern seja a amante de Lord Goring, e decide roubar a carta para acusar como chantagem.

Quando Lord Caversham sai, entra Sir Robert, e Lord Goring não pode desfazer-se dele, até que Sir Robert descobre, afinal, Mrs. Cheveley. Quando Sir Robert parte, Mrs. Cheveley diz a Goring que se se casar com ela, entregará a carta que tem, condenando Sir Robert no assunto do Canal de Suez. Em revide, ele lhe mostra a pulseira e ameaça-a com uma denúncia à polícia se não entregar a prova contra Sir Robert. Ela acede, mas leva consigo a carta que Lady Chiltern escreveu a Lord Goring.

No dia seguinte, Sir Robert ataca na Câmara o projeto da companhia argentina. Mrs. Cheveley, vendo seus planos fracassados, envia a Sir Robert a carta que sua esposa escreveu a Lord Goring, a fim de lhe desfazer o matrimônio. Mas, em virtude de um erro do secretário, a carta lhe é entregue sem o envelope, e Sir Robert acredita que seja uma missiva de sua esposa para ele mesmo. Corre para casa e consegue uma reconciliação.

Finalmente, Lord Goring e Mabel Chiltern anunciam seu casamento.



MADGE MEREDITH, a linda atriz que apareceu recentemente com Tom Conway em «A aventura do Falcão», e em «O passo do ódio», com Randolph Scott e Anne Jeffreys, teve há pouco tempo sua carreira encerrada, de maneira imprevista para os inúmeros fãs que conquistara: foi condenada a cinco anos de prisão, na penitenciária de Tehachapi, como cúmplice no rapto e apunhalamento de seu «manager», Nick Gianacis, conforme noticiou um lacônico telegrama de Los Angeles, que terminava dizendo ter a atriz recebido a sentença sem demonstrar a menor emoção... Madge começara a trabalhar no cinema em 1944, na 20th Century-Fox, com o nome de Marjorie Massow, com o qual figurou em «Calouros de sorte», ao lado de Edward Ryan, e em «Por enquanto, querida», com Jeanne Crain e Frank Latimore. Não teve sorte com o primeiro nome. Agora, com o outro, ganhou fama para tornar-se criminosa.

CARAS E CARETAS

Notas gráficas sobre personalidades em foco.
Exclusividade de "A CENA"



HORTÊNSIA SANTOS nasceu em Portugal, num dia 21 de outubro, tendo sido bailarina em sua pátria. Veio para o Brasil em 1913 e nesse mesmo ano iniciou aqui a brilhante carreira que tanta popularidade lhe deu. Trabalhou com Procópio, Jaime Costa, Teixeira Pinto, Alexandre Azevedo, etc. É, também, destacada figura do rádio-teatro. Por último, Hortênsia Santos emprestou sua colaboração ao nosso cinema e hoje é uma das suas figuras mais populares, tendo aparecido na magnífica versão de «O cortiço», nos filmes da Atlântida «Segura esta mulher», «Sob a luz do meu bairro» e «Não adianta chcrar», e em «Loucos por música», da Cinédia, ainda inédito entre nós. Hortênsia, que é casada com Restier Junior e mãe de Renato Restier, o jovem ator de Procópio, está trabalhando em «O cavalo número 13» e «Esta é fina!», em ambos sob a direção do decano dos diretores brasileiros, Luis de Barros.

MANUEL VIEIRA, o notável João Romão, o vendeiro de «O cortiço», é hoje um dos grandes atores do cinema nacional, no qual estreou há 13 anos, naquela pretensiosa e mal sucedida película brasileiro-argentina intitulada «Noites cariocas». Manuel Vieira é carioca, tendo nascido no dia 10 de outubro de 1906. Fez sua estréia no palco em 1924, com o inolvidável Jardel, trabalhando depois com Itália Fausta, Jaime Costa, Margarida Max, etc. Esteve na Europa, com Jardel. Trabalhou dois anos no teatro português. Excursionou por toda a América do Sul. Também fez rádio, interpretando «Seu Ferramenta», no popular programa «Piadas do Manduca». Há nove anos trabalha no Teatro Recreio. Depois de «O cortiço» apareceu em «O ébrio», e agora virá simultaneamente em quatro filmes: «Inocência» (refilmagem do romance de Taunay), «Esta é fina!», «Mãe» e «O cavalo número 13», no qual faz outro admirável português.





ESTHER FERNANDEZ, a linda intérprete de «Santa», depois de sua passagem meteórica por Hollywood, onde apareceu ao lado de Alan Ladd em «A hiena dos mares», filme que nada significou em sua carreira, continua a ser uma das mais populares «estrelas» do cinema mexicano, onde vem de interpretar nada menos de quatro novas películas, duas delas com Antonio Badú, seu galã em «Rosangela» — «La mujer que quiere a dos» (uma comédia musical, na qual voltou a trabalhar ao lado do pianista cego de «Santa», José Cibrián) e «Ramona»; «Su última aventura», com Arturo de Cordova; e «Extraña cita», com Luis Aldas. O primeiro destes novos filmes de Esther será distribuído pela 20th Century-Fox, tal como sucedeu com «Rosangela». A encantadora «estrela» azteca é talvez a única artista de cinema que no começo de sua carreira foi funcionária pública, só abandonando o emprego quando lhe faltou tempo para assinar o ponto, ocupada em filmagens...

ROBERT O. DAVIS, tal como Martin Kosleck, ganhou muito dinheiro durante a guerra, nos filmes de propaganda anti-nazista. Era uma figura obrigatória de todos eles, desde o primeiro, o famoso «Confissões de um espião nazista», da Warner Bros. Seus papéis eram sempre secundários, muitas vezes de simples «extra», sem o nome nos letreiros do elenco, porém a sua figura tornou-se popular. O próprio Chaplin não o esqueceu quando filmou «O grande ditador», aproveitando-o na sua memorável sátira aos ditadores Adolf Hitler e Benito Mussolini. Também o saudoso Lubitsch apresentou-o em «Ser ou não ser», de Carole Lombard e Jack Benny. Apareceu, ainda, em seriados. Vimo-lo, entre outros, em «Cara de gato», «Fugitivos do inferno», «Abandonados» e «Sedas perigosas». Os mais recentes filmes de Robert são: «Milhões perigosos» (Dangerous Millions), da 20th Century-Fox, com Kent Taylor e Donna Drake, e «Noite eterna» (The Long Night), a refilmagem de «Trágico amanhecer», da RKO, com Henry Fonda.



DROTHY PATRICK, a intérprete da encantadora esposa do compositor Jerome Kern, na biografia tecnicolorida do mesmo, que a Metro nos apresentou há pouco — «Quando as nuvens passem» — é conterrânea de Deanna Durbin, pois nasceu em Winnipeg, no Canadá. Sua carreira começou no rádio. Depois, foi modelo de John Powers, tendo aparecido na capa de magazines, como o «Cosmopolitan» e «Liberty», da Macfadden Publications. Mas o seu sonho era ser atriz, e realizou-o representando no palco, em Hollywood, um dos principais papéis de «The Last of Mrs. Cheyney», a conhecida peça que a Metro filmou três vezes. E foi esta companhia que a levou para o cinema, apresentando-a no filme citado de Robert Walker, em «Não me desampares», com o garoto Butch Jenkins, e em «O poderoso McGurk», com Wallace Beery. Emprestada ao produtor Jules Levey, interpretou, há pouco tempo, «New Orleans», ao lado de Arturo de Cordova, onde mais uma vez a vemos em trajes do princípio do século.

TITO SCHIPA, o famoso tenor que durante a guerra foi aclamado o «cantor da Europa», há muito é um dos mais populares artistas cantores do cinema. Quando apareceu no seu primeiro filme entre nós, feito na França, — «Boêmios de casaca», — não alcançou sucesso. Entretanto, mais tarde, ao lado de Catherine Boratto, tornou-se um grande cartaz cinematográfico naquele belo celulósido «Viver!». baseado na canção do mesmo nome, cujas gravações continuam emocionando quantos as ouvem, recordando as cenas do célebre filme italiano... Depois, o vimos em «Terra de fogo», de L'Herbier, com Mireille Balin, André Lefaur, Louise Carletti e Marie Glory. Agora, Tito Schipa vem aí num grande filme musical — «Donizetti — O cavaleiro do sonho» (Il Cavaliere del Sogno), a biografia do autor de «L'elisir d'amore», e «Lucia di Lammermoor», com Amedeo Nazzari, rodado nos próprios locais em que Donizetti viveu sua movimentada existência.



MARIA MONTEZ E JEAN PIERRE AUMONT

CONTINUAM A SER UM EXEMPLO DE FELICIDADE

ELA FAZ OS CÁLCULOS... E ÉLE OS DESFAZ — MAS,
NO FIM, TUDO DÁ CERTO...

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de A CENA em Hollywood)

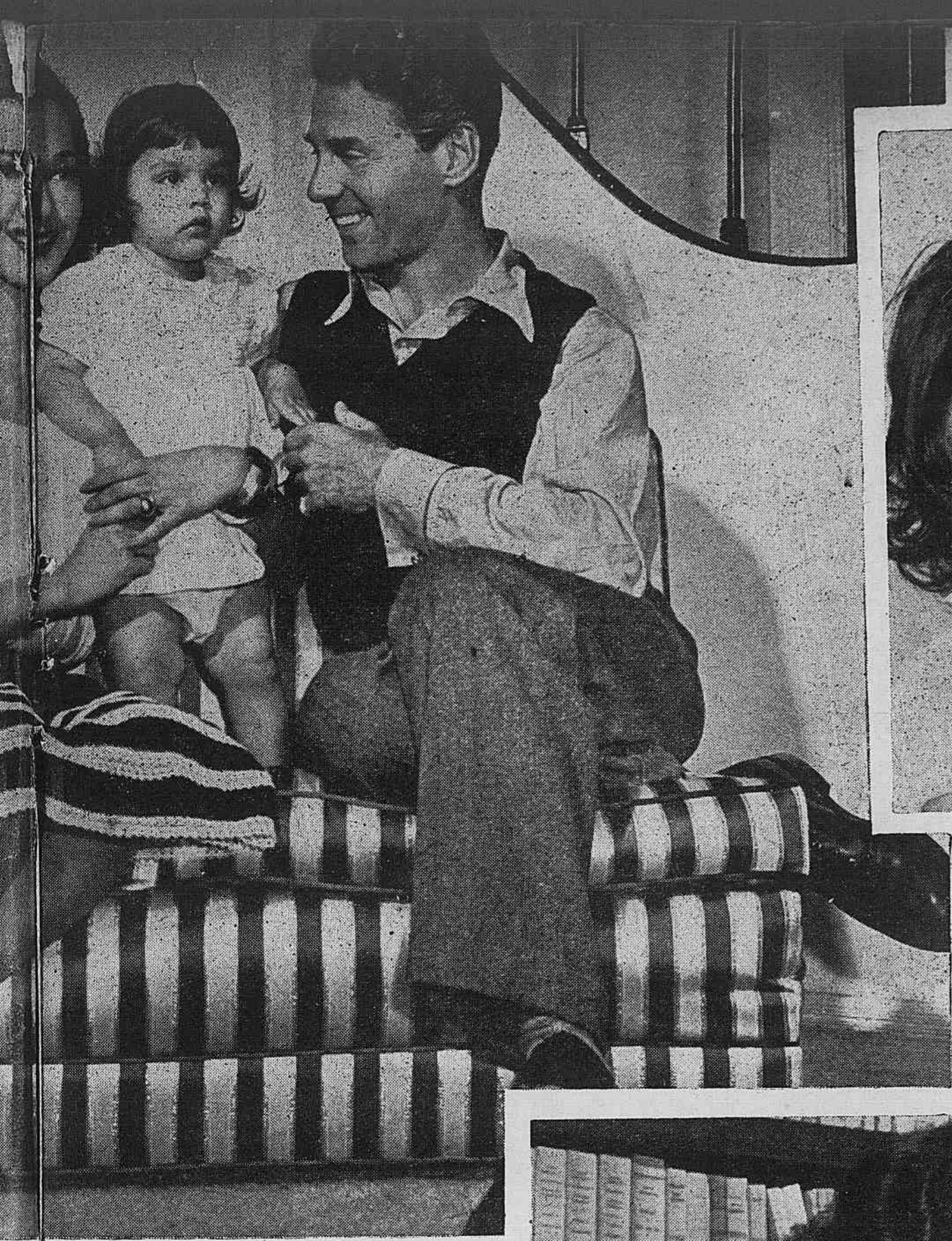


A vida do famoso casal Jean Pierre Aumont-Maria Montez resume-se nisso: Maria faz os cálculos... Jean os desfaz. É Maria quem reserva passagens e aposentos de hotel; é Jean quem perde os trens e os aposentos reservados. Maria é do método; Jean é do acaso... O resultado é um completo pandemônio. Para Maria, no entanto, está tudo na mais perfeita ordem... o que a interessa é viver com Jean Pierre.

O francês é assim mesmo... Na véspera do embarque para uma recente viagem à Europa, as malas de Maria estavam todas prontas quando ele apareceu com u'a mala velha, amarrada com uma corda. Maria horrorizou-se, lembrando-o de que em Paris se iam divertir à grande e que ele devia levar a casaca. A resposta foi essa: — «Nada de casacas! Em Paris já estão fora de moda. Deixei-as no armário».

O resultado foi que assim que chegaram a Paris foram convidados para ir a Londres, a uma festa cinematográfica organizada pela Casa Real, com a presença de Suas Majestades. Jean foi forçado a admitir que precisava de uma casaca, mas alegou que poderia alugar uma em Londres, pois, uma vez lá, ainda teriam dois dias até o da festa. Maria correu a uma casa de modas para mandar fazer um vestido. Enquanto cuidava da toilette para o grande dia, Jean se entregou à sua ocupação predileta: visitar as centenas de amigos que tem na capital francesa... sem se preocupar com casacas.

Uma vez em Londres, a 48 horas da festa, correram todas as casas de roupas de aluguel, sem o menor sucesso. Não havia uma só casaca que encaixasse nos ombros largos e nas ancas estreitas do bichão. Maria ficou doida; Jean nem deu confiança: — «Há de aparecer um jeito, meu bem», disse ele. E ainda repetia a mesma coisa no dia seguinte, quando jantaram



Ao alto: Maria Christina Aumont, filha de Maria Montez e Jean Pierre Aumont, posando para uma fotografia em companhia do "velho". Em baixo: Jean Pierre Aumont estudando o seu último argumento com a linda esposa no braço da cadeira. O casal acaba de terminar a película "Atlantis". Ao centro: Maria Montez e Jean Pierre Aumont, num instante de brincadeira com a filha, Maria Christina, atualmente com dois anos. Finalmente, à esquerda: Jean Pierre apresenta à filha o bichano da casa, olhado com desconfiança e receio, se bem que com curiosidade, por Maria Christina.

Au-
Ma-
m'
e de
apo-
Jean
par-
tudo
essa

no restaurante de John Mills, que, como todo mundo, é amigo de Jean Pierre. Este, então, expôs-lhe o seu problema. John Millis decidiu assim: — «Olha aqui! Você anda aí pela casa e vê se descobre alguém com o seu corpo. Depois fala comigo!»

O resultado é fácil de adivinhar... Jean encontrou um fleugmático inglês que era direitinho o seu manequim, e indicou-o a John Mills. O dono do restaurante teve uma conversa com o inglês, que primeiro ficou atônito e depois sorriu compreensivamente... No dia seguinte Jean recebeu a casaca muito bem passada e embrulhada. E lá se foi ao encontro do rei e da rainha, tão chelo de confiança como se a casaca tivesse sido talhada especialmente para ele, depois de dezesseis provas! E' verdade que os ombros estavam um pouco justos, forçando-o a ficar um pouco encolhido, mas Jean alegou que naquela época, na Inglaterra, todo mundo andava de casacas velhas e um tanto justas, devido ao racionamento do pano. Jean Pierre Aumont é assim!

Mas há muita coisa, além disso... Vive o casal numa bela vivenda de Hollywood, em estilo florentino, que foi o presente de aniversário de Jean a Maria, não só de nascimento como também o segundo de casamento, pois Jean é irresponsável em muitas coisas, menos em questão de presentes. E foi um presente de surpresa... Maria gostara muito da casa e logo depois fôra para o hospital, gravemente enferma. Quando Jean foi buscá-la, levou-a diretamente para a nova residência, que preparara juntamente com as cunhadas, Consuelo, Adita e Lucita. E' uma casa com seis quartos, enorme jardim, etc. Enquanto Maria comparou a casa a um castelo, Jean preferiu compará-la a um hotel. E ambos foram proféticos. Sempre têm

(Continua na pág. 33)







Na página ao lado: William Powell e Irene Dunne, Papai e Mamãe, os principais intérpretes de "Minha Vida Com Papai", da Warner Bros. Em cima: Os homens da família Day: Clarence (Papai), Clarence Jr., John, Harlan e Whitney, todos de cabelos vermelhos... um incêndio!

ESTEVE tudo relativamente pacífico, em casa, até o momento em que o papai desceu para o primeiro almoço. A mamãe preveniu a nova criada, Annie, para que não se assustasse enquanto tudo corresse bem. Annie observara com surpresa crescente a nossa entrada, isto é, a de John, Whitney, Harlan e eu — Clarence. Mamãe tinha os cabelos castanhos avermelhados, mas nós tínhamo-los avermelhados de verdade, — como o papai. Quando ele entrou na sala de jantar, Annie parecia não crer absolutamente no que via.

A gente nunca sabia a causa dos súbitos acessos de cólera do papai. Nessa manhã ele objetou à compra que a mamãe fizera, e depois se queixou de todas as complicações que estavam surgindo para a comunhão de Whitney. Elogiou a cozinheira por causa de um dos pratos e em seguida manifestou-se enfaticamente desgostoso com o café.

Mediante pressão, deu à mamãe dinheiro para um novo bule de café, a fim de ser substituído o que ele próprio quebrara, e concordou, mas com relutância, com o plano de mamãe para abrir contas nos nossos fornecedores. Só assim, explicou ela, poderíamos saber onde estávamos gastando o dinheiro. Houve uns poucos mi-

nutos de paz enquanto papai leu o seu matutino na biblioteca.

Annie ia entrar na biblioteca, levando café fresco, quando a voz de papai se alteou num clamor raivoso. O prefeito, esbravejou êle, merecia ser trancafiado no xadrez — e êle ia fazer tudo para que tal acontecesse. Aterrorizada, Annie pôs a bandeja e desceu a escada para o saguão, onde desapareceu.

Quando papai saiu, Annie saiu correndo atrás dele, conduzindo u'a maleta que, às pressas, entulhara de roupa.

Mamãe suspirou aliviada, por ver que o papai saíra antes de chegarem as visitas. Ele não gostava de visitas enchendo a casa...

Pouco depois de o papai ter saído, chegaram as visitas: Cora, prima da mamãe, e Mary Cartwright, bonita e com apenas dezesseis anos. Quando eu disse a Mary que no outono começaria a estudar em Yale, ela ficou admirada, e observou que até então nunca pusera os olhos num autêntico universitário de Yale. Quanto a mim... bem, eu nunca me preocupara com pequenas; mas toda vez que Mary sorria, o meu coração batia como um martelo-pilão.

A tarde, o reverendo veio ensinar o ca-

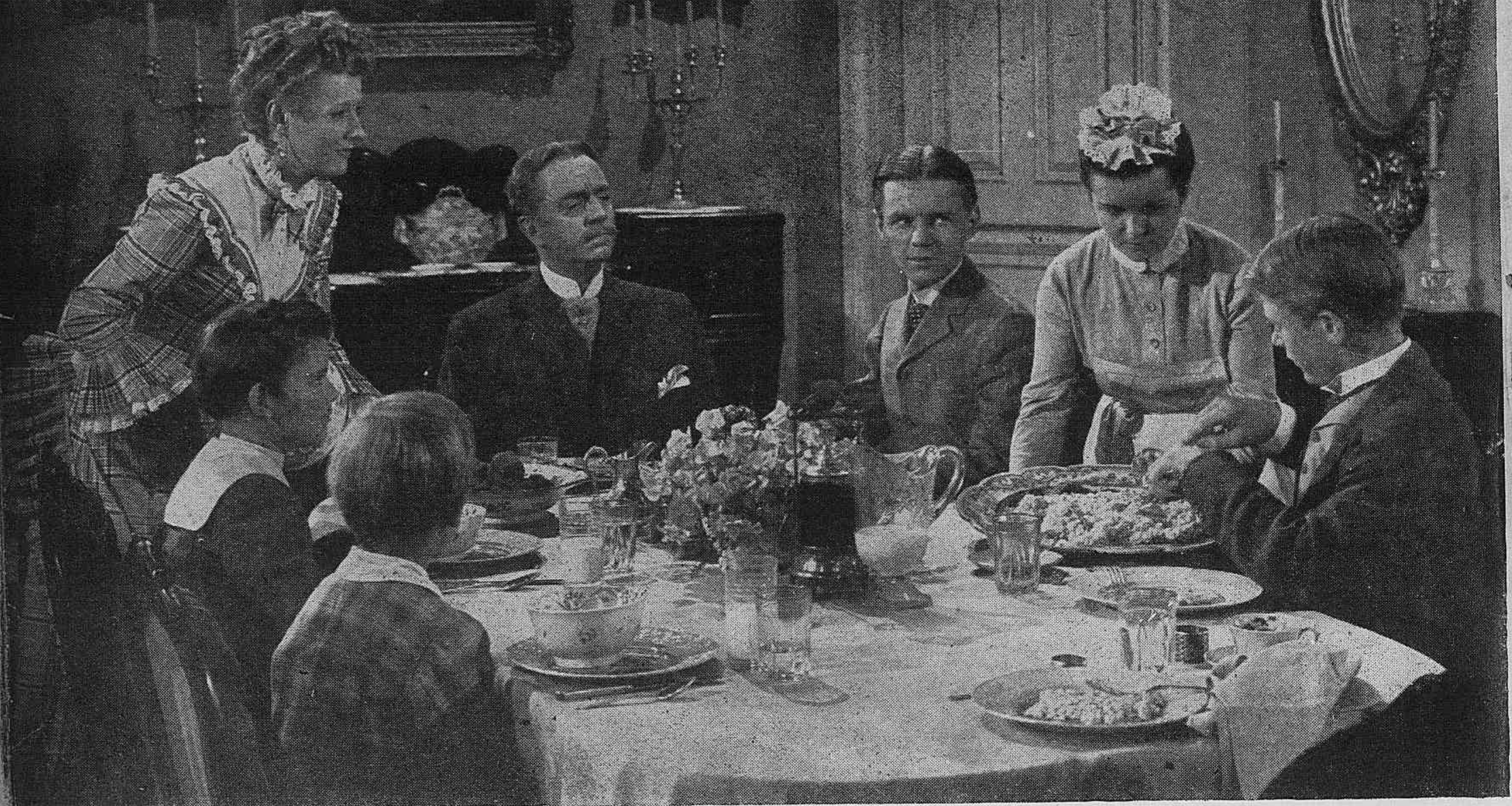
(LIFE WITH FATHER)

Papai	William Powell
Mamãe	Irene Dunne
Mary	Elizabeth Taylor
Cora	Zasu Pitts
Dr. Lloyd	Edmund Gwenn
Clarence Jr.	Jimmy Lydon
John	Martin Milner
Harlan	Derek Scott
Whitney	Johnny Calkins



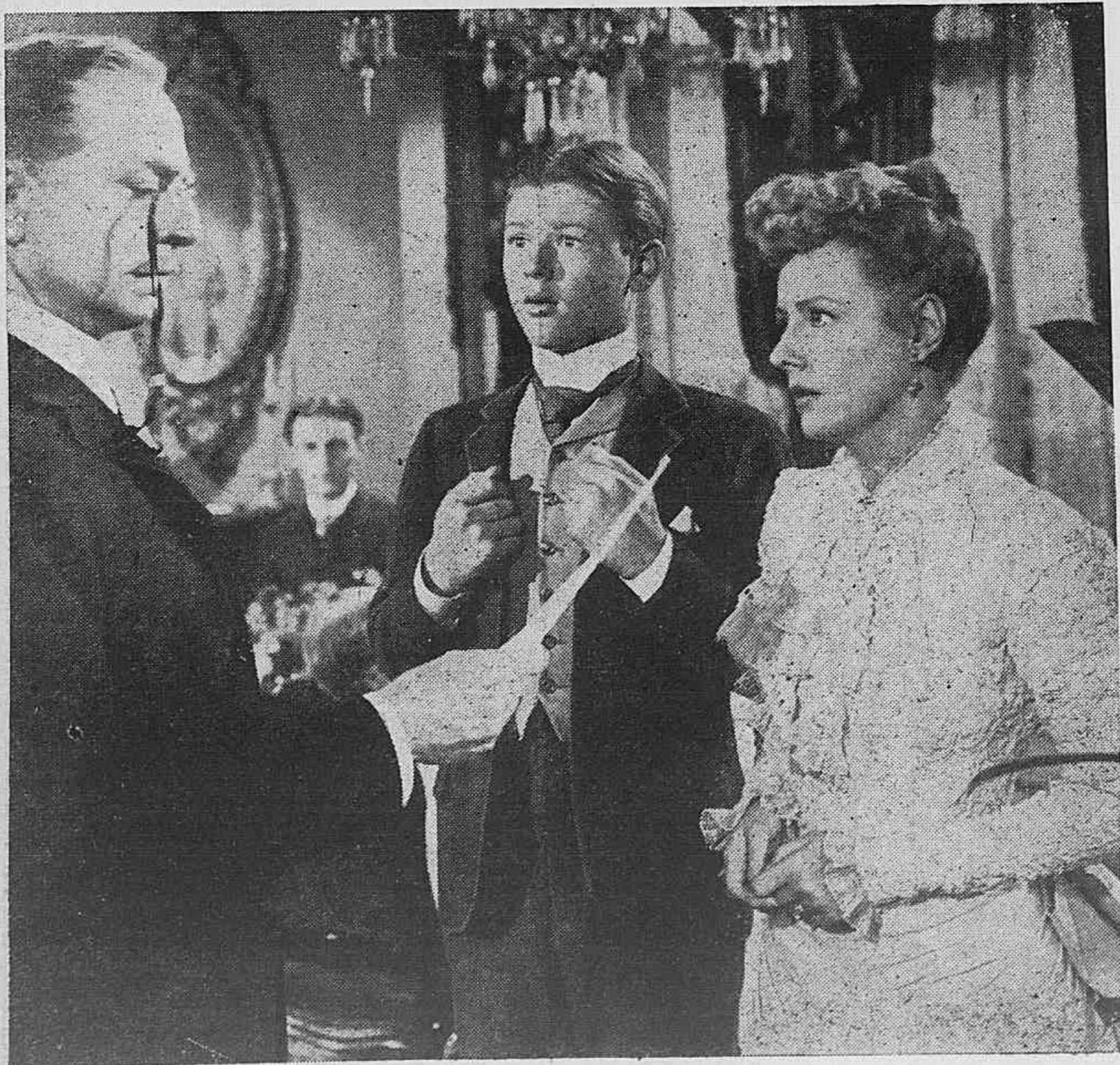
Filme da Warner Brothers. Direção de Michael Curtiz. Argumento de Donald Ogden Stewart, baseado na peça teatral de Howard Lindsay e Russel Crouse

MINHA VIDA COM PAPAI



Papai elogiou a cozinheira por causa de um dos pratos e em seguida manifestou-se enfaticamente desgostoso com o café.

Com a sua costumeira lógica, mamãe resolveu devolver o cachorro, de modo que a minha roupa ficaria de graça. Papai desistiu de discutir...



tecismo a Whitney. Papai voltou, a tempo exatamente de saber dos planos da nova igreja e do que lhe tocava das contribuições necessárias. Parecia contente por ter encontrado a prima Cora e Mary... mas isso foi só até o momento em que soube que elas iam passar algum tempo conosco. A tempestade irrompeu quando ele soube que devia convidá-las a jantar fora.

Eu fiquei meio constrangido quando me vi na sala de visitas em companhia de Mary. Mas não tardou que se manifestasse o nosso interesse mútuo pela música, e Mary sentou-se ao piano, enquanto eu empunhei o violino. Custou-nos um pouco tocar um hino, mas afinal verificamos que eu estava tocando um hino episcopal e Mary um hino metodista.

O jantar no restaurante transcorreu sem novidades, até quando Mary, de súbito, perguntou ao papai se ele pertencera sempre à Igreja Episcopal. A resposta de papai foi que ele não sabia absolutamente em que crença fôra criado. Várias pessoas se voltaram para arregalar os olhos a essa declaração em voz alta de paganismo. Qualquer um veria logo que mamãe se perturbara muito com aquilo.

*

Na igreja, no domingo, estavam todos ajoelhados, orando. Todos, isto é, menos eu e o papai. O papai nunca se ajoelhava, e eu não me sentia inclinado a fazê-lo, estando metido num dos ternos velhos do papai. O sermão foi todo sobre o batismo, e o pecado mortal que comete quem se furta aos seus deveres. Papai ficou indignado; ele não ia à igreja para ouvir sermões.

Mamãe decidiu que ele se batizaria, custasse o que custasse. Quando chegamos, ela me perguntou por que eu não me ajoelhara. Respondi que não podia.



A complicada família Day, em torno da qual gira o argumento de "Minha Vida Com Papai", baseado num sucesso da Broadway.

Ele disse que, tendo uma moça sentada no meu colo, numa festa, eu fôra obrigado a ficar em pé, por estar com as calças do papai — e não me parecer direito que uma moça sentasse no meu colo.

Antes de Mary ir-se embora, eu perguntei se ela me escreveria, da cara dela. Ficamos sentados de mãos dadas, discutindo sobre quem devia escrever primeiro. Ainda sob a influência da roupa do papai, mostrei-me severo quando Mary quis passar os braços em torno do meu pescoço.

Depois papai levou-me a um canto, para falar-me sobre alguns «fatos importantes». O mais importante parecia ser que as mulheres estão sempre se preocupando com as coisas mais tolas do mundo, e que eu jamais devia contribuir para isso. Quando elas gritassem, eu devia fazê-las compreenderem que, fosse o que fosse, o que eu estava fazendo era para o bem delas.

Porém, quando eu queria ser severo com Mary ela deixava até de falar comigo.

Eu andava desesperado, pensando em como arranjar dinheiro para comprar um terno novo. O meu irmão John e eu decidimos responder a um anúncio de jornal, aceitando um emprêgo de vendedores de porta em porta. E, tendo Mary partido, recusei-me terminantemente a ser o primeiro a escrever!

Passados alguns dias, papai irritou-se à hora do café porque mamãe não descerá, alegando estar meio indisposta. Sem reparar no envelope, pôs-se a ler uma carta de Mary para mim, na qual ela recordava a tentativa para sentar-se em meu colo. Papai jogou-a imediatamente à lareira, mas eu ainda consegui recuperá-la quando ele subiu para ver que tolice de doença era aquela da mamãe. Ele

(Continua na pág. 34)

Papai voltou exatamente a tempo de saber dos planos da nova igreja e do que lhe tocaria das contribuições necessárias.





A alegria intensa da festa comemorativa do divórcio de Paula envolveu Chris e Hunter numa onda crescente que a excluiu. Com a sua beleza radiante, ela podia ter sido o centro de um grupo de admiradores, mas conservava-se um pouco isolada, como um espectador fora do seu meio.

Chris sabia, sem rancor que não pertencia àquele meio. A frágil e mundana Paula, que divertia os seus convidados contando espirituosamente o que fôra o julgamento e o discurso de Larry Hannaford, que lhe conquistara a liberdade, tolerava-a apenas porque ela era casada com o primo Bob.

Pensando em Bob, o coração de Chris confrangia-se. Porque ele telefonara — fôra um chamado interurbano — para dizer que a sua viagem de negócios terminara inesperadamente breve, e que voltaria na manhã seguinte. Os amigos de Paula achavam ridiculamente provinciano o fato de uma mulher estar assim apaixonada pelo próprio marido. Mas Chris não procurava esconder o seu amor e a sua felicidade.

Voltou-se, o rosto a iluminar-se quando viu Larry Hannaford en-

A CRUZ DE UM PECADO

(THE UNFAITHFUL)

Chris Hunter Ann Sheridan
 Larry Hannaford Lew Ayres
 Bob Hunter Zachary Scott
 Paula Eve Arden
 Promotor Jerome Cowan
 Martin Barrow Steve Geray
 Tenente Reynolds John Hoyt
 Sra. Tanner Martha Mitrovich

★

Filme da WARNER BROTHERS — Direção de VINCENT SHERMAN — Argumentou original de DAVID GOODIS e JAMES GUNN.

trar. O jovem advogado, com a sua simpatia reservada, fôra colega de Bob, e procedera para com ela como amigo leal, naquêles intermináveis dois anos, durante os quais Bob estivera pelo Pacífico. Larry sorriu para ela, com calor, e foi a contragosto que se afastou para cumprimentar Paula. Ele cuidara do divór-

cio apenas porque Paula era prima de Bob. O seu código pessoal, com relação ao matrimônio, era do mais intransigente rigor.

Pouco depois da meia-noite, Chris retirou-se da festa, e rumou para casa no seu próprio automóvel, saboreando antecipadamente a alegria de rever Bob

pela manhã. Ao entrar em casa, não notou um homem que saiu de trás de uma árvore e a seguiu. Só o notou quando as mãos dêle lhe agarraram os ombros. Gritou então, o mais que pôde. No momento seguinte rolou no chão a única lâmpada existente no aposento, e eles ficaram nas trevas.

Depois, uma vez mais, ela gritou — foi um grito que parecia fazer o ar vibrar.

★

O sedativo que o médico lhe dera nada fizera para livrá-la daquele horror, ou, na manhã seguinte, fazê-la esquecer por um momento de menos a confusão que via em torno de si. O cadáver num aposento contíguo. A polícia revistando a casa. As criadas contando aos repórteres como haviam despertado, com os gritos, na noite da véspera; como, descendo as escadas, haviam encontrado a patrão em pé ao lado do cadáver de um homem, tendo na mão, gotejando sangue, o punhal que o marido dela trouxera de Tóquio, por lembrança; e como ela havia então desfalecido.

Na página ao lado: Lew Ayres, Ann Sheridan e Zachary Scott, principais intérpretes de "A Cruz de Um Pecado", película da Warner Bros. Em baixo: Larry e Chris ouviam preocupados as veementes palavras do promotor, que baseava a sua acusação em fatos irrecusáveis.



Paula (Eve Arden), na sua ansia de fazer encrencas, procurou levar Bob (Zachary Scott) a desconfiar da esposa, Chris (Ann Sheridan).

Ouvindo agora os passos de Bob, fora, Chris gritou-lhe o nome, com voz trêmula. Ele d-tivera-se apenas o tempo necessário para informar-se sumariamente do ocorrido, e agora, de fisionomia apreensiva, estava junto dela, abraçando-a com amor e assegurando-lhe que já não devia mais ter medo.

Larry Hammond, que se incumbira de tudo, entrou e perguntou delicadamente se ela podia falar ao tenente Reynolds, da Delegacia de Homicídios. Era apenas uma formalidade, declarou, ao vê-la empalidecer.

A voz do tenente Reynolds foi amável, quando ele pediu que Chris contasse exatamente o que acontecera na véspera, mas a voz dela tremeu, quando ela respondeu. Um homem... um estranho — saltara sobre ela, exigindo que lhe entregasse todas as jóias. Não — ela nunca o vira. Nunca! Gritara, para que os criados ouvissem, e, querendo obrigá-la a calar-se, o agressor derrubara o abajur. No escuro, a mão dela encontrara o punhal — mas ela não tivera a intenção de matá-lo!

O tenente Reynolds declarou que os documentos encontrados em poder do morto o identificavam como sendo Michael Tanner. Depois levantou-se, pedindo a Chris que comparecesse à polícia ao meio-dia, a fim de ditar a uma estenógrafa tudo quanto acabara de contar.

Nas horas que antecederam a ida à polícia, Bob mostrou-se tão ternamente confiante que, quando eles chegaram à polícia, Chris quase recuperava por completo o domínio de si mesma. E então o tenente Reynolds apresentou-a à mulher que estava sentada entre ele e Larry como a Sra. Michael Tanner, esposa do morto. O seu falecido marido, declarou ela, fora um escultor de sucesso. O que tornava a história contada por Chris, do pretendido assalto, difícil de compreender. Que lhe disse o homem, perguntou Reynolds.

Ele... ele exigira apenas que ela lhe entregasse todas as jóias, respondeu Chris.

Ela estava mentindo, gritou a Sra. Tanner, os olhos faiscando. Chris assassinara intencionalmente o marido dela. Conduziram-na para fora da sala ainda aos gritos, acusando Chris.

Estaria Chris certa, perguntou gravemente o tenente Reynolds, de que Tanner a quisera roubar? Talvez ele tivesse confessado que a amava, e ela se vira na necessidade de repeli-lo? Mas Chris insistiu, com uma veemência quase histérica, que tinha dito a verdade.

Quando afinal se retiraram, Larry levou-os a almoçar, para distrair Chris. Mas Paula estava no restaurante, e lera os jornais. Deplorou, então, o que *andavam dizendo*. Embora declarasse virtuosamente que negara todas as insinuações malévolas.

Quando ela se retirou, Chris estava sem uma gota de sangue nas faces. Mas Bob, sorrindo, reconfortou-a dizendo que Paula fora sempre uma faladeira. Como se alguém se atrevesse mesmo a falar de Chris.

Ela esforçou-se por sorrir... Mas os seus lábios estavam frios e secos, quando Larry a man-

Apesar dos esforços apaziguadores de Larry, Bob, furioso por ter sido ludado, continuou firme no seu propósito de divórcio.

Larry Hannaford (Lew Ayres), que se incumbira de tudo, entrou para saber se ela podia falar com o tenente Reynolds, da polícia.

dou chamar, dessa vez com uma atitude completamente modificada. Acreditara no que ela dissera, declarou, com segurança. Até que um vendedor de objetos de arte chamado Martin Barrow o convidara a ir à loja dele. Lá, o homem revelou-lhe uma cabeça que o falecido Michael Tanner esculpira e lhe entregara para vender. Barrow tentara induzir Larry a comprá-la por dez mil dólares.

Porque a cabeça era um estudo, e o seu modelo fora a própria Chris. E para o mesmo ela devia ter posado não uma, porém muitas vezes.

Chris torcia e retorcia as mãos. Confessou então que conhecera Tanner, e que lhe encomendara a cabeça enquanto Bob estava ausente. Mas se apaixonara de tal maneira por ela que ela tivera recusar-se a continuar posando, tendo-o então proibido de tornar a procurá-la. Na véspera, ele a esperara, e tentara seduzi-la. Ela não podia contar aquilo à polícia, alegou, pois Paula e as suas amigas teriam naquilo uma oportunidade de escândalo.

Os comentários não a poderiam ferir tanto assim, objetou Larry. E ele achava que ela devia dizer a verdade imediatamente. Mandara chamar Bob, e iriam juntos à polícia. Mas ela implorou freneticamente que a deixassem ir contar tudo primeiro a Bob, sózinha, no que Larry consentiu.

Em vez disso, ela foi à loja de Barrow, onde propôs-lhe comprar a cabeça. Infelizmente, Barrow respondeu calmamente que acabara de devolvê-la à legítima dona — a viúva de Michael Tanner.

Os olhos de Larry exprimiam um desprezo glacial, quando ela voltou ao escritório dele, soluçando, para dizer que tinham de avistar-se com a Sra. Tanner antes que ela entregasse a prova à polícia. Quer dizer — acusou ele — que ela queria comprar a cabeça para não ter de dizer a verdade a Bob? E era evidente que ela mentira a ele, Larry, dizendo que repelira os galanteios de Tanner na ausência de Bob. Ela não diferia de outra mulher enganadora qualquer — apenas era mais hipócrita. E agora estava irremediavelmente perdida. Porque um promotor inteligente com facilidade demonstraria ao júri que ela não matara Tanner em legítima defesa.

Tanner, com a sua paixão doentamente violenta, tentara matá-la na véspera, gritou Chris. Larry devia acreditar no que ela dizia. E Bob não devia saber de nada. Para o próprio bem. Quanto a ela, ia pessoalmente à casa da Sra. Tanner propor-lhe a compra da cabeça.

Se ela dissesse a verdade, advertiu Larry, arriscava-se a perder a vida. Mas, se preferia agir como dizia, que fosse para casa e esperasse, que a Sra. Tanner a procuraria.

Foi Bob, porém, quem a Sra. Tanner procurou. Quando ele voltou para a casa, tinha o rosto consumido pelo desgosto.

Chris contou-lhe então toda a história, sem poupar um só pormenor. Contou-lhe que se torturara na solidão, e que posara para Tanner apenas para desenfadar-se. Subjugada aos insis-

(Continua na pág. 33)

Foi Larry quem finalmente venceu a feroz luta judiciária, travada em torno do crime cometido por Chris Hunter



SWINGS, FOXES, BLUES... ETC.

LAZYBONES

Fox de Hoagy Carmichael e Johnny Mercer.

Lazybones! Sleeping in the sun,
How you "spec" to get your day's work
[done?

Never get your day's work done,
Sleepin' in the noonday sun.

"ybones! Sleepin' in the shade,
u "spec" to get your corn meal
[made?

La... corn meal made,
How y... 'n' shade.
in'

Never get your
Sleepin' in the even.
When 'taters need spray.

I bet you keep prayin' the
off the vine
And when you go fishin' I bet you
keep wishin'

The fish won't grab at your line.
Lazybones, loafin' thru the day,
How you "spec" to make a dime, that
[way?

Never make a dime that way
(well looky here),
He never heard a word I say!

★

INVITATION TO THE BLUES

Fox de Doris Fisher, Allan Roberts e Arthur Gershwin.

My heart was all dressed up to go
[dancing,

I had a brand new shine on my views
The roses you sent for,
The line that I went for,
Was just an invitation to the blues.
The very thought of love was entrain-
[cing,

I figured I had nothing to lose.
Your smile so elusive,
That kiss so exclusive,
Was just an invitation to the blues.
I went to town,
Priced a wedding gown,
Put my little red book on the shelf,
I even hired a hall,
Got the band and all,
And marched down the aisle by myself.
I guess you can't depend on romancing,
It puts you heart right down in your
[shoes,

Instead of a wedding for which I was
[heading,
I got an invitation to the blues.

★

JUNE IN JANUARY

Fox de Leo Robin e Ralph Rainger.

It's June in January because I'm in
[love,

It always is Spring in my heart
With you in my arms.
The snows is just white blos soms that
[fall from above,

And there is the reason my dear, your
[magical charms.

The night is cold — the rees are bare
But I can feel the scent of roses in
[the air.

It's June in January because I'm in
[love,

But only because I'm in love with you.

MELODIAS

O POVO FEZ A SUA ESCOLHA

O carnaval passou... e as canções carnavalescas preferidas não foram aquelas que a comissão da Prefeitura premiou, nem as que alguns cronistas quiseram que fossem premiadas. O que se cantou mais foi:

Preta é preta,
é branca,
ta é a tal,
branca
mas é m...
é a tal!

Essa música não foi objeto de consideração. Houve várias paródias, algumas de carácter antipáticamente racista, mas isso até serve para comprovar o êxito das marchinhas e... o desgosto que ela deu aos granfinos...

Depois dessa, outra das grandes favoritas foi "E' com êsse que eu vou", que também não teve prêmio nenhum. Seu prêmio foi conquistado nas ruas, — e sobre a felicidade do título bas-

ta dizer-se que o bifaram para uma revista teatral no Rio, outra revista teatral em São Paulo e para um filme da Atlântida, por sinal pobre em matéria de músicas de carnaval (não teve nenhum dos sucessos de rua e dos concursos), faltando-lhe, inclusive, a própria composição que deu título à película... Se os autores de "E' com êsse que eu vou" fossem mais hábeis haviam de reclamar, em juízo, uma parcela

reitos autorais, pelo uso dos seus versos como de um dos... coisas... título de tantas... Durante o carnaval, se por toda parte:

"E' com êsse que eu vou.
E' com êsse que eu vou
Sambar até cair no chão...
E' com êsse que eu vou
Desabafar com a multidão.
Se ninguém me animar eu vou quebrar

Meu tamborim...
Mas se a turma gostar
Vai ser pra mim!"

Outra música que foi muito cantada, — muito mais do que as colocadas no concurso, — foi "O nosso amor morreu". Outro sucesso das ruas foi "Rasguei o meu Pierrot", de Haroldo Lobo e David Nasser, gravado em disco pelo veterano Francisco Alves. "Cadê Zazá" passou na frente de muitas outras, devido à facilidade do seu refrão:

"Cadê Zazá?... Cadê Zazá?...
Saiu dizendo:
"Vou ali, já volto já".
Mas não voltou.
"Que será?
Por... Cadê Zazá?...
Cadê Zazá..."

O sucesso mais imprevisto e avassalador foi o de "Rosa Maria", o samba dos Inocentes do Leblon, de grande sucesso no ano passado e por esse bloco gravado este ano

Este é Laurindo de Almeida, guitarrista brasileiro que está fazendo sucesso no rádio, nos cinemas e "night-clubs" dos EE. UU., sendo votado pelos ouvintes em décimo oitavo lugar, no concurso de "Down Beat", — acima de 32 outros concorrentes. Laurindo faz parte da orquestra de Stan Kent, que atuou no Paramount, de Nova York, e na Civic Opera House, de Chicago.



PARA VOCE



Aqui está Andy Russell, um dos mais populares cantores americanos, em uma cena do filme "Copacabana", de Carmen Miranda, Groucho Marx e Gloria Jeans. Andy Russell é hoje um dos mais cotados "crooners" americanos, embora sem o cartaz de um Bing Crosby e de um Frank Sinatra. Está no segundo plano, ao lado de Perry de Como, Dick Haymes e outros.

em disco. "Rosa Maria" passou a perna na baratinha, na flautinha de bambú, no peru da inca morena e outras "novidades" que tais... "Não me diga adeus", que é um bonito samba (não de carnaval), foi cantado uma vez por outra. Mas "Tem gato na tuba", — desse ninguém tomou o menor conhecimento... Tal foi o julgamento inapelável

das ruas, — bem diferente do julgamento do Mangione, dos Vitale e das comissões da Prefeitura...

DEMÓSTENES VARELA

NOTAS E NOVAS

Luis de Barros deu um golpe sensacional, nos domínios dos filmes carnavalescos. Conseguiu «furar» a Atlantida em Porto Alegre e em São Paulo, com o filme «Esta é fina», com Mesquitinha, Claudio Nonelli, Dircinha Baptista, Linda Baptista, Francisco Alves, Olivinha de Carvalho e outros. O filme de Luis de Barros entrou naquelas praças antes de «E' com esse que eu vou», tendo no seu «score» as principais músicas carnavalescas, inclusive a peça que deu título à película da Atlantida...

Edson Lopes, o grande baixo negro, com certeza vai subir de cotação, depois de sua atuação em «E' com esse que eu vou», da Atlantida, e em «O Cavalo Número 13», produção de Claudio Luis e Araujo Filho, dirigida por Luis de Barros. Em «E' com esse que eu vou» ele canta «Xangô», — já um bocado batido no rádio e nos cassinos, — mas em «O Cavalo Número 13» canta dois números inteiramente inéditos, música de Guerra Peixe e Letra de R. Magalhães Junior, que colaborou com Henrique Pongetti na história e nos diálogos dessa comédia esportiva.

A cantora brasileira Violeta Coelho Netto de Freitas, que acaba de regressar dos Estados Unidos, está em entendimentos com a Metro-Goldwyn-Mayer para fazer o papel principal de um filme musicado. Violeta Coelho Netto de Freitas, que fez muito sucesso nos Estados Unidos e no Canadá, participará de agora em diante, como Bidu Sayão das temporadas líricas da Metropolitan Opera House.

Teve um lançamento pífilo, inopinado, no velho Odeon, o filme da United Artists sobre o nascimento do «jazz», apresentando Louis Armstrong, o famoso pistonista negro, em episódios de sua própria vida. Para atrapalhar, encaixaram na história um romance amoroso perfeitamente idiota entre Arturo de Cordova e Dorothy Patrick. Depois de ter feito tantas vezes em Hollywood o papel de sujeito chato e idiota, não nos admira que Arturo de Cordova tenha preferido vir filmar em Buenos Aires, para variar...

Ary Barroso, aproveitando as férias da Câmara Legislativa do Distrito Fede-

SAMBAS, MARCHAS ETC.

MINHA VIZINHA

Samba-chôro de Claudio Luis. — Do film "O Malandro e a Granfina".

Ó minha vizinha que solfeja o dia inteiro,
[teiro,

Diz que é soprano ligeiro,
Mas faz páreo com o fruteiro;
Pálida e sem graça como um sorvete
[de creme

Quando canta "La Bohème"
Minha casa tôda treme.
Se você não pára de cantar tanto em
[falsete

Ainda jogo um tamborete
P'ro teu palacete,
Talvez acerte bem em cima dessa lata
E você faz concordata
E não repete a "Traviata".

Essa sua voz que me invoca
E' a mentira carioca
Da vizinhança;
Quando você canta a "Butterfly"
Lá do céu a chuva cai
Clamando vingança!
E se você canta o "Guarany"
Meu cachorro, que é Pery,
Faz logo duetto;
E eu, coitado, perco logo a fome
Se você no "Caro nome"
Assassina o "Rigoletto"...

Hoje eu vou pedir para você ser mais
[clemente,

Estou com forte dor de dente,
Uma dor impertinente!
Fique bem quietinha, ou, então, cante
[em surdina,

Veja se não desafina,
Que essa dor me amofina!
Vou para o dentista antes que perca o
[juízo,

Arrancar o que for preciso,
Do incisivo ao siso,
Tudo acabado você pode minha filha
Em vez de cantar p'ra gente
Ir cantar p'ro Zé da Ilha!

★

CABÔCLA

Canção de Claudio Luis. — Do film "O Malandro e a Granfina".

Cabôcla
A saudade me disse
Que, embora insistisse,
Você não a quis,
E vive feliz,
Cabôcla malvada!
Cabôcla adorada...
Eu quero
Que você não me esqueça
E, um dia, apareça
No nosso ranchinho
Pedindo carinho,
Pedindo perdão
Ao meu coração.

Eu vivia tão sozinho
Capinando a minha roça,
Soluçava no meu pinho
O vazio da palhoça,
Mas, um dia, vi você:
Meu olhar logo parou,
Minha casa de sapê
Num instante se alegrou!
E você, ó doce amada,
Foi a estrela fulgurante
Que iluminou a estrada
Desta minha vida errante.

Cabôcla,
Numa tarde de Abril,
Você triste partiu
E eu fiquei espiando
Você se afastando
E uma lágrima quente
Rolou de repente...
Ó volta!
Meu casebre caiu,
Minha vida ruiu,
Vamos juntos erguer,
Para nunca morrer,
Um ninho de flor,
Uma vida de amor!

MELODIAS PARA VOCE



Emilinha Borba desceu do 23.º andar do edifício de "A Noite", depreciando seu próprio "cartaz", para cantar metade de uma canção, em um número em que Ruy Rey é o principal, no filme da Atlantida "E' com êsse que eu vou". Ou é modéstia de mais da "estrela" da Nacional ou então conseguiram convencê-la de que aquêle era o grande número de sucesso do filme

ral, está terminando o «score» musical de «Aquarela do Brasil», filme que a Cinelandia Filmes vai produzir, sob a orientação de Alípio Ramos, — o realizador de «Querida Suzana», — e cujo nome tem servido de motivo para um dos mais tremendos trocadilhos do meio cinematográfico... Boa sorte, Ary!

★

Vicente Celestino está neste momento estudando várias propostas que lhe foram feitas para posar um novo filme-musical. Vicente Celestino, que foi há dias operado de apêndice, está considerando também a possibilidade de filmar sua peça musicada «Coração materno», que foi à cena, há dois anos, no João Caetano.

★

O maestro Villa-Lobos está presente em Londres, colhendo novos sucessos.

★

Camargo Guarnieri foi laureado por um grupo de críticos teatrais do Rio de Janeiro como «o maior compositor brasileiro de 1947». Nada temos contra a decisão. Ao contrário. Ahamos, apenas, que os críticos acordaram tarde...

★

Baby de Oliveira, uma das nossas compositoras de canções folclóricas mais interessantes, acaba de lançar mais uma série de obras de sucesso, que

temos ouvido no rádio ora na interpretação de Jorge Fernandes, ora na da própria autora.

★

Acreditem ou não, «O mar», de Dorival Caymmi, peça bonita, mas triste e, além de triste, enorme, — e além de enorme, anti-carnavalesca, — e além de anti-carnavalesca, já utilizada em um interminável «short» interpretado pelo próprio autor, — é um dos pratos musicais de substância de «E' com êsse que eu vou», o novo filme da Atlantida com mais nexos do que «Este mundo é um pandeiro», mas infinitamente mais pobre do ponto de vista musical.

★

Chega a dar pena na gente o modo pelo qual foi desperdiçado o talento e a graça de Emilinha Borba, em «E' com êsse que eu vou!» Certos artistas brasileiros são incorrigíveis... Não dão o menor apreço a si mesmos e à popularidade que conquistaram. Aquilo era lá papel que um grande cartaz do rádio como Emilinha Borba fizesse? Franca-mente: não valeu a pena ter ela descido do 23.º andar do edifício d' «A Noite» para cantar metade de uma canção, servindo de fundo para o falso cubano Ruy Rey, a quem, aliás, receitamos algumas vitaminas e regime de super-alimentação, para ver se esconde os ossos. Emilinha era quem devia ter encerrado o filme com aquêle samba que Marion cantou com tanta infelicidade quanto re-
presenta...

TANGOS, BOLEROS, CONGAS...

TE VAS DE MI

Bolero de Ruddy Lagury e Eliseo Grenet.

Fuê un recodo del camino
donde el tiempo se dormía
Fuê un amanecer tranquilo
que iluminó nuestras vidas
bajo el mismo puente viejo
que vió nacer nuestro amor,
el arroyito en su espejo
hoy refleja mi dolor.

Te vás... te vás de mi,
dejandome el recuerdo de un ayer feliz.
Te vás... te vás de mi,
como la suave brisa del palido abril.
Me dejas el perfume de tus labios rojos,
la luz de tu sonrisa y el cielo de tus
[ojos,

Te vás... te vás de mi,
sin pensar que te llevas mi alma
al irte de mi...

★

RANCHITO LINDO

Ranchera de Felipe Bermejo.

I

Yo tengo un lindo ranchito
que está escondido
entre un verde pinar
lleno de sol se recuesta
en florida ladera
que mira hacia el mar.

Blanca casita con huerta
y un perro en la puerta
fiestero y gruñón;
milpa, triguil y ganado
guitarra y caballo
y un rio cantador.

Estrillo.

Ranchito lindo
blanca paloma entre flores
tibio nidito de amores
huelas a lluvia y a sol.

II

En cuanto el dia va clareando
me voy a caballo
a cuidar mi labor
y por las tardes pardeando
regreso cantando
tonadas de amor.

Ranas, cigarras y grillos,
llorar de organillos
por el matorral
hacen mis noches más bellas
con luna y estrellas
que allí brillan más.

Ranchito lindo... etc. etc.

III

Solo me falta una prieta
que no sea coqueta
y lo quiera alegrar
pa' que mi lindo ranchito
se vea más bonito
y esté más cabal.

Me gustaría una trigueña
bonita y risueña
asi como "asté"
para llevarla al ranchito
donde hay calorcito,
ternuras y fé.

Ranchito lindo... etc. etc.

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL é formidável porque com 1 só creme LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE!

O Creme Rúgol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cutis e lhe dá um encanto irresistível. Serve também como excelente base para a maquiagem. Rúgol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rúgol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diafano esplendor de primavera.



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Applique Rúgol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos

CREME RUGOL

mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

A cruz de um pecado

(Continuação da pág. 27)

tentes galanteios de Tanner, acabara perdendo momentaneamente a noção dos valores. Mas, depois, sofrera desesperadamente. Acaso ele não podia compreender?

Ele não podia. Estava decidido a divorciar-se.

Depois disso, até mesmo a ordem de prisão que o tenente Reynolds deu a ela, diante da prova apresentada pela Sra. Tanner, nada mais foi que parte do pesado...

Foi Larry, quem, finalmente, venceu a feroz luta judiciária que se travou na sessão do julgamento. Chris sabia que ele lhe salvara a vida, mas... de que lhe valia agora a vida, sem Bob?

Arrumara as malas, e estava pronta para retirar-se da casa que fôra o seu lar, quando Bob, pensando que ela já se havia ido, voltou. Com voz cautelosa, estranha, ele ao menos disse adeus.

Mas então os olhos deles se encontraram. No ansioso olhar que trocaram, ele perdeu completamente o ar frio e reservado, e estendeu-lhe os braços. Nunca mais recuperaria a antiga e descuidada felicidade. Mas, doravante, poderiam recomeçar a reconstruir o lar.

F I M .

A VIDA PRIVADA DE...

(Continuação da pág. 13)

sentinhos. Não faço isso porque já verifiquei que não é necessário. Estou economizando para quando ficar velho. — E dizia essas coisas sempre com o mesmo encanto, sempre interessante.

Vejam por exemplo uma entrevista sua em 1942, em que disse: — Os homens já provaram a sua superioridade em todas as artes e profissões; portanto, não vejo razão para que as mulheres pensem em igualar-nos. As mulheres frequentemente alegam que são "a força atrás do trono". Querem dizer que muitos grandes homens não teriam sido tão grandes se não tivessem mulheres brilhantes e empreendedoras atrás deles. E' exato. Mas as mulheres atrás dos homens não passam disso... que é o lugar a que pertencem.

Talvez tenha sido essa a razão por que Elsie, após dois anos de casamento em segredo, tenha feito questão de anunciá-lo ao

mundo. E foi ela mesmo quem o fez, não ele. Hollywood ficou boquiaberta de espanto. Depois da proclamação, Elsie desapareceu novamente das vistas públicas... e assim o casamento deles.

George resmungava e diz que absolutamente não se casara secretamente. Particularmente, isso sim. E lamenta que tenha deixado Hollywood destruir seu projeto... embora goste de viver na cidade. — Deixe-me explicar o que quero dizer. Hollywood tem tudo o que Deus tem para oferecer. Belos panoramas e excelente clima. Em Hollywood não se tem esses obstáculos diários que existem em outras cidades do mundo... mal tempo, dificuldades de transporte para o trabalho, rápidas mudanças de estação. Hollywood também nos permite viver com todo o conforto. O resultado é que em Hollywood a gente apenas vegete... E só vejo um modo de levar a cabo o meu projeto. E' dar o fora de Hollywood sempre que possível. Em Nova York, por exemplo, a gente encontra pessoal graúdo morando em lugares exíguos. Já aqui, qualquer um, por pequenos que sejam os meios, vive em grandes e espaçosos apartamentos. Ai é que está a base de todas as dificuldades de Hollywood. Já uma vez fiquei satisfeito em viver num pequeno íate, atracado num cais de Santa Monica. Depois passei para um pequeno apartamento. Depois comecei a querer mais e mais. Cismei que vivia como um rato, caso não tivesse jardins imensos, piscina, uma casa enorme. Os luxos de hoje tornam-se as necessidades de amanhã.

Ele não diz que foi isso o que causou a ruína do seu lar, mas uma vez que toca no assunto numa ocasião como essa, a relação é óbvia.

— Comecei a querer cada vez mais, — diz ele.

Pernas que fazem parar Automóveis...



Quem assistiu a "Aconteceu naquela noite" lembra-se da cena da estrada, em que Claudette Colbert, depois de tentar fazer parar os carros que passavam, usando várias maneiras, só o conse-

guiu, quando mostrou suas pernas. Eis aí uma prova do quanto podem pernas bonitas e perfeitas... A beleza das pernas da mulher tem, porém, um grande inimigo: as varizes. Para debelar esse mal, entretanto, existe Hemo-Virtus. Com o uso desse poderoso medicamento vegetal as pernas ficam livres das terríveis varizes. Hemo-Virtus, tomado na dose de três colheres ao dia, restitui às pernas o seu estado normal e a perfeição estética. Siga as instruções contidas na bula. Para tratamento completo, use Hemo-Virtus em liquido e em pomada ao mesmo tempo. Não encontrando nas farmácias, escreva para o Depositário, Caixa Postal 1874 São Paulo.

E' claro que o homem que fala assim mal pode ser reconhecido como o George Sanders que Hollywood conhece há dez anos. Perturbado como está, George não consegue mais manter afastados os importunos. E basta vê-lo e falar com ele para que se compreenda até onde sente a falta da esposa, alguém de quem ele nunca esteve afastado. Não é fácil mantermo-nos independentes quando estamos perturbados, tristes e solitários...

Elsie Sanders parece que sempre entendeu bem o homem que há dez anos constitui um enigma para Hollywood. E com certeza foi por não se mostrar perturbada pelas cínicas palavras do marido que ela se tornou tão importante para ele. Ela apenas ria do que ele dizia. E a reação dele? Gargalhadas também...

Mas isso tudo foi antes de 10 de Dezembro de 1946, data em que Elsie arrumou as malas e o abandonou. E' isso tudo o que se sabe sobre casamento tão enigmático. Depois da separação, George dedicou-se à difícil tarefa de esquecer: foi a Nova York; andou de namoro com Gene Tierney; enveredou por uma inédita série de programas radiofônicos, festas. Depois foi à Itália, fazer o filme "Then and Now". Sempre procurando esquecer... Quanto às suas atividades cinematográficas, continua sempre "impróprio para menores".

O ANO ESPORTIVO

Os principais acontecimentos esportivos do Rio, do Brasil e do Mundo! — Todos os records cariocas, brasileiros e internacionais registrados em 1946-1947. — Os casos pitorescos e outras curiosidades do ano esportivo, com farta ilustração.

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite o seu tempo lendo o ALMANAQUE "EU SEI TUDO" para 1948 — que está à venda em todo o Brasil. PREÇO: CR\$ 15,00, NO PAÍS INTEIRO

Pedidos à
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO
Atende-se pelo Reembolso Postal, sem aumento de preço.

ALMANAQUE EU SEI TUDO

DIRCINHA BATISTA, UMA PERFEITA...

(Cont. da pág. 6)

perder o encanto como cantora e desde aquela idade, até às atuais vinte e quatro primaveras, nunca mais se afastou do microfone. Verdadeira veterana, apesar da sua juventude. Gravou o primeiro disco aos doze anos, continuando desde então a gravar sucessivamente, todos os meses. Ainda era uma menina quando "abafou" no carnaval com a marchinha "Periquitinho verde". Seu número de gravações sobe hoje em dia a mil duzentos e cinquenta e três músicas. Se exigissem das candidatas apresentação de cabedal artístico realizado, seria difícil conseguir-se um mais extenso que o da atual rainha.

SO' MESMO UMA "REVOLUÇÃO"

Uma notícia pouco confortadora para as futuras candidatas, foi a que nos deu Dircinha quando lhe perguntamos se pensava em reter o cetro por tantos anos quanto sua irmã. A criadora de "Baiana escandalosa" nos respondeu:

— Já combinei com Linda o seguinte. Sempre que estivermos no Rio na época das eleições uma de nós se candidatará. Em 1949 Linda será a candidata e eu seu principal cabo eleitoral. Em 1950 concorro novamente e Linda faz a cabala. Não acha que este é o plano ideal?

Nós quisemos responder que achávamos ideal para a família dos Batistas. Era provável que tão cedo a coroa não saísse da família, a não ser que as outras artistas do rádio realizassem uma verdadeira "revolução".

UM PASSEIO AOS ESTADOS UNIDOS

Dircinha tem muitos projetos para este ano e entre estes o maior é a visita aos Estados Unidos. Uma visita sem carácter oficial. Apenas para conhecer certas paisagens da terra de Tio Sam. Entretanto, é possível que os estúdios de Walt Disney prendam Dircinha por algum tempo. Walt Disney contratou Dircinha para gravar algumas músicas para o desenho de longa metragem "Música, maestro". Jack Counting, representante de Disney no Rio, gostou do timbre de voz de Dircinha e contratou-a em seguida para narradora de um outro desenho. Quem sabe se algum contrato não prenderá a atual Rainha do Rádio em Hollywood... Desde que ficou aprovada como cantora e locutora pelo técnico de Hollywood, não lhe faltarão propostas na terra do cinema.

O BAILE DA COROAÇÃO

Quando chegaram ao Teatro Carlos Gomes, na noite de três do fluente, Dircinha, Linda, as princesas e o séquito, o salão estava repleto. Quase todos os grandes cartazes do rádio compareceram ao baile. Cesar Ladeira, Maria do Céu, Alvarenga, Nelson Gonçalves, Celso Guimarães, Orlando Silva, Saint-Clair Lopes, Lamartine Babo, Vitor Costa, presidente da A. B. R. e muitos outros. Figuras do mundo político também lá estiveram e entre essas o senhor prefeito Angelo Mendes de Moraes e senhora, o vereador Levy Neves, o comandante Amaral Peixoto e senhora. Rei Momo fez a entrada triunfal no recinto conduzindo a rainha.

Um grande trono a esperava armado no centro do palco. Debaixo de música, palmas e vivas, Linda Batista colocou na cabeça da irmã a coroa de Rainha do Rádio. Rei Momo colocou a faixa simbólica. E o baile continuou, tomando a rainha parte direta no baile, puxando cordões, dançando e cantando. Uma verdadeira rainha dos tempos modernos. Quando a festa terminou, às três da manhã, Dircinha foi das últimas a abandonar o salão. O Rádio soube escolher muitíssimo bem a sua rainha para 1948.

MARIA MONTEZ...

(Cont. da pág. 19)

três ou quatro hóspedes, e uma vez por mês dão banquetes... Mas o que mais impressiona é o aspecto de estação ferroviária que a casa apresenta durante o dia. São os amigos de Jean Pierre! Ele atrai gente como um ímã atrai alfinetes, e só está em paz no meio de uma multidão. Em volta dele pode-se ver os Gene Kelly, os Charles Boyer, os Louis Jordan, os Mark Stephensen, Josh Miller, todos falando, comendo, jogando cartas, bebendo, às vezes até dançando. No centro do grupo está Jean Pierre escrevendo a sua última peça. Ele pode se concentrar perfeitamente no meio do barulho.

Agora repetiremos que Maria é bastante metódica. Antes de ir para a cama ela anota cuidadosamente as coisas para o dia seguinte: cardápio, rol de roupas, compras a fazer, despesas a pagar, etc. Depois vai para a cama, calma e certa de que tudo correrá conforme determinou. Mas entra o marido no dia seguinte e se encarrega de fazer tudo sair ao contrário do planejado.

Maria está sempre preparada para, no mínimo, receber seis convidados extras para o jantar. Normalmente sentam-se quatorze à sua mesa. Jean, porém, nem nota isso... Ele só reparou que havia alguns convidados inesperados num dia de domingo em que estavam presentes trinta e quatro pessoas para o ajantado... e Maria doida sem saber o que fazer. Chamou-o a um canto e explicou-lhe que era o dia de folga da cozinheira e que não havia comida suficiente em casa. Jean sorriu, bateu-lhe de leve no ombro e disse que não sabia resolver a parada, mas que ela havia de dar um jeito na coisa... E Maria deu mesmo!

Jean sempre lembra de bom humor, com uma piada na ponta da língua. Maria é justamente o contrário... E pede ao espôso que só lhe fale depois do café. Jean então sorri: — «Deixe de bobagem, querida». E Maria não tem outro remédio...

Em matéria de roupas também há diferença entre os dois. Ele nunca sabe o que tem no corpo. Quando se despe espalha roupas por todos os cantos. Maria apanha tudo e põe no armário. No dia seguinte vem Jean reclamando que gosta mesmo que a roupa fique no chão. Quanto às vestimentas da espôsa, no entanto, é muito exigente. Repara em tudo e dá opiniões a granel.

Jean, apesar de aéreo, nunca es esquece dos presentes mensais, nos dias de nascimento da filhinha e da espôsa e nos de casamento.

Jean Pierre Aumont adora a filhinha, Maria

Christina, que tem dois anos de idade. Vive no quarto da pequena, e os dois estão sempre às gargalhadas. Maria Christina tem o temperamento igualzinho ao do pai, nada querendo com métodos, como a mamãezinha.

Vive o casal na maior harmonia, com Maria Christina para completar a felicidade. Maria Montez, sempre sujeita às peripécias causadas por Jean Pierre, nem sequer pensa em viver sem ele. Afinal, diz ela, a vida não seria insípida se não existisse Jean para complicá-la? E com ele... a vida pode ser confusa mas é também completamente maravilhosa!

ASTROS E NEBULOSAS

(Cont. da pág. 5)

vela que a Nacional está transmitindo todas as segundas, quartas e sextas-feiras, a partir das treze horas. Também o poeta Giuseppe Ghiaroni, autor de diversas histórias em capítulos, é o escritor de «A bela e a fera», produção que veio substituir «Uma vida».

— Lourdinha Bittencourt fez sérias acusações a Carlos Frias a propósito da derrota que sofreu no concurso para a escolha da «Rainha das Atrizes». Chegou a declarar que não fosse a ação do popular «speaker» da Tupi, ela estaria vitoriosa...

— «Serestas», programa que a Globo acaba de lançar, é um desfile de canções do passado e melodias do presente, interpretadas por Jorge Goulart. Irradiado às quartas-feiras, às 21 horas e 35 minutos, «Serestas» conta, ainda, com a colaboração de Abel e seu Conjunto e da orquestra dirigida pelo maestro Osvaldo Borba.

— Heber de Bóscoli encerrou as viagens do seu combatidíssimo trenzinho. O maquinista e a foguista deram férias a seus ouvintes, segundo anúncio publicado em diversos jornais cariocas. E já se anuncia que o retorno da «trinta do osso» dar-se-á através do microfone da Rádio Nacional. Que é que há, seu Calmon?

Licença para um — Teixeira Pinto, velho militante da ribalta, ora radicado no rádio, afastou-se do elenco da P.R.E-3. Pretende ele organizar uma companhia de revistas, com a qual excursionará pelo interior do país. Tão logo termine essa projetada excursão, reingressará no «cast» rádio-teatral da Globo.

Boatos, simples boatos — Silvino Neto, cuja saída da Rádio Nacional chegou a ser anunciada, está firme no «cast» dessa popular estação. Depois, seu contrato só terminará no decorrer do próximo ano, quando ele, então, poderá tomar outro rumo, caso esteja descontente com a P.R.E-8.

O sanfoneiro partiu — Pedro Raimundo não chegou a bom termo nas negociações que vinha realizando com a Rádio Nacional, razão de emprender uma prolongada «tourné» pelos Estados do Norte. Sua volta ao Rio, segundo afirmou a seus «fans», dar-se-á no decorrer de agosto de 1948. Feliz viagem, Pedro Raimundo.

«Uma família às direitas», uma nova apresentação da Mauá, vai ao ar todos os domingos, às 18 horas. Nessa atração colabora todo o elenco de rádio teatro da PRH-8, sob a direção de Cesar Augusto. Ainda na PRH-8, todas as segundas-feiras, às 20 horas, pode ser ouvido «Cantigas de Minha Terra», uma realização de Maurício Caminha Lacerda.

NO MUNDO ENCANTADO DE WALT DISNEY

(Continuação da pág. 10)

Agora, por obra e graça de Walt Disney, Bongo é lançado como um «astro» da tela — sem dúvida nenhuma, um dos mais alegres, mais engraçados e mais simpáticos da sua incomparável Galeria do Riso.

Quero falar, agora, de outro herói do mundo encantado de Disney.

Aclamado pela primeira vez quando apareceu em «Você já foi à Bahia?», o Aracuã, o engraçado pássaro brasileiro volta a aparecer em outra produção de Disney, ainda em technicolor e no papel principal, dando nome à película — a qual será distribuída pela RKO Radio. O aracuã agradou tanto às platéias sul-americanas que Walt Disney fez arranjos especiais com a RKO Radio com o fim de que «Aracuã» seja apresentado juntamente com o mais recente filme de grande metragem de Disney — «Canção do Sul».

A combinação dessas duas produções — uma, curta e cômica, outra, longa e sentimental — deverá ser de grande efeito para o público da América Latina. O Aracuã aparece com o Pato Donald em «Aracuã», e os espalhafatos já bem conhecidos do famoso pato chegam ao auge quando ele tem que se haver com o pássaro brasileiro, em uma expedição fotográfica de que ambos participam... O Aracuã é o camarada mais difícil até hoje encontrado pelo Pato Donald, oferecendo ao veterano herói de Disney uma complicação após outra. Apesar das peças pregadas pelo Aracuã, é o bom Donald que acaba sempre pedindo desculpas... E o Pato descobrindo que, algumas vezes, mais valem dois pássaros voando do que um na mão...

As tentativas feitas pelo Pato Donald para fotografar o Aracuã no mato acabam numa bruta encrenca. Aracuã faz, com suas loucuras, que o Pato perca a cabeça, metendo-se pela selva e arrancando as penas como um doido — melhor, como o próprio Aracuã.

Jacy Menezes...

(Continuação da pág. 9)

de que no enorme edifício da Praça Mauá, ficava a Rádio Nacional. Jacy embarafustou-se por ele... Tomou o elevador e foi conhecer a poderosa estação. Para sua surpresa, Barbosa Junior comandava o «Programa Picolino». Ela conhecia a fama do programa e do animador. Por isso, bancando intimidade, solicitou do artista da PRE-8 para interpretar um número musical. Este, disposto a aceitar a colaboração de todos, não negou permissão. E o superlotado auditorio da Nacional ouviu, com prazer, a interpretação da artista sergipana, solicitando bis.

★

Vencida a primeira etapa, não houve mais empecilhos para a folclorista brasileira. Levando de vencida todos os obstáculos, veio a assinar contrato com a Mayrink Veiga e a ingressar no elenco do cassino Icarai, onde participou dos principais shows. Depois, levada pelo interesse financeiro, passou para o Atlantico, aumentando o número de apreciadores de sua arte e tornando-se disputada pelas estações cariocas. Nesse período, atendendo a sugestão feita pelo pianista Kalua, integrou o trio «Irapuan» que, durante algum tempo, preencheu o vazio da celeberrima «Hora do Brasil». Participaram desse conjunto, além de Jacy Menezes, as artistas Diana Rio e Vania Ramires. Com as duas companheiras, gravou diversos números do folclore nacional, alguns deles enviados para outros países.

O espírito inquieto, desejoso de conhecer terras estranhas, levou-a a largar o «broadcasting» carioca. Outra vez meteu-se num Itarumando para o Pará, indo participar dos espetáculos do cassino Marajó. Quando a saudade bateu, arrumou as malas e foi ter a Pernambuco, onde a esperava vantajoso contrato da Rádio Club local. Uma vez no Recife, participou de algumas festas no Teatro Santa Isabel, interpretando números escolhidos do folclore nordestino. Essa excursão estendeu-se à Bahia, com a realização de recitais no Instituto de Música e exibições em diversos teatros. Prolongou-se mesmo até a

Paraíba, cantando Jacy Menezes ao microfone da Rádio Tabajara.

O retorno ao Rio fez-se após uma ligeira passagem por Belo Horizonte, em cuja cidade realizou diversas audições na Rádio Inconfidência, as quais despertaram a simpatia do povo montanhês.

★

Hoje, Jacy Menezes está na Rádio Globo. Isto, depois de trabalhar na Companhia Italia Fausta que, sob os auspícios do governo do Estado do Rio, levou a efeito uma temporada nos teatros fluminenses, encenando peças de conhecidos teatrólogos. No elenco acima mencionado, nossa reportada desempenhou a «Felioma», da «Ré Misteriosa»; viveu a «Diná», de «Maria Cachucha», além de aparecer em outros trabalhos de igual importância. Tais atuações não deixam de ser pitorescas para uma artista que, ultimamente, se achava mais ligada ao microfone do que propriamente ao palco. E a exclusiva da PRE-3, revivendo sua passagem pelo teatro amadorista de Sergipe, não desmereceu os esforços de Italia Fausta nesse arrojado empreendimento. Ao contrário, foi das mais cuidadosas no bom desempenho dos papéis que lhe foram confiados.

Artista exclusiva da Globo, participando de seus programas de estúdio, ela tanto interpreta a melodia do morro, como canta os tangos dolentes e as valsas sentimentais de Maria Teresa Lara. E' que, embora lhe faltando os trejeitos de Carmen Miranda, lhe sobram a bossa e a malícia da «garota bombshell». Jacy Menezes, nos seus vinte e um anos bem vividos, soube conquistar com a beleza de sua voz, a simpatia e o apreço daqueles que amam a nossa música popular. Por isso, quando o locutor anuncia sua presença diante do microfone PRE-3, todos emudecem para ouvi-la apresentar u'a melodia bem nossa. Melodia que nos fala à sensibilidade de brasileiros, acostumados ao ritmo gostoso do samba e ao matraquear dos tamborins.



MINHA VIDA COM PAPAI

(Continuação da pág. 23)

ainda quis gritar, dizendo que ela não devia entregar o corpo à moléstia; porém mamãe, em lágrimas, o fez sair do quarto. John entrou com um estojo da mercadoria que íamos vender, e que era um novo remédio. Como a propaganda dizia que ele curava qualquer enfermidade, resolvemos pôr uma colher de sopa bem cheia dele no chá de mamãe.

Papai estava muito impaciente, à espera do médico. O dr. Humphreys mostrou-se confuso. O caso, disse, parecia de envenenamento, e saiu para conferenciar com um colega. Papai continuou à espera, mais ansioso ainda.

Papai disse ao pastor que mamãe ficara preocupada com o fato de ele não ser batizado. O pastor respondeu que mamãe tinha razão — e ficou chocado ao ver papai pedir-lhe que dissesse a ela que tudo aquilo não passava de uma grande tolice. Depois começou a orar. Papai pôs-se a acompanhá-lo, orando em voz cada vez mais alta.

O barulho fez com que mamãe descesse, e ela acabou desmaiando nos braços de papai. Na sua perplexidade, papai prometeu deixar-se batizar, desde que ela melhorasse.

★

Tendo-se restabelecido, afinal, mamãe saiu a fazer compras, levando como companhias John, Whitney, Harlan e eu. Perambulamos pela loja até quando mamãe foi atraída por um bonito cachorro de porcelana. Estávamos esperando que embulhassem o cachorro, quando apareceu o sr. Morley, um pastor jovem que mamãe sabia ter uma igreja nos subúrbios. Mamãe pôs-se a conversar com ele, e eu aproveitei para afastar-me dela e ir ex-

perimentar um terno de meia confecção, que me ficaria por quinze dólares.

No dia seguinte, após eu ter sabido que a prima Cora e Mary vinham-nos visitar novamente, John me disse que o fabricante do remédio pagara-nos o trabalho com vidros do mesmo remédio. E eu que prometera pagar naquela tarde os quinze dólares do terno!

Mamãe escolheu aquela ocasião para dizer a papai que combinara tudo com o pastor Morley para que ele fosse batizado na igreja suburbana, onde ninguém nos conhecia. E recordou a promessa que ele fizera, quando ela estivera doente, tendo papai replicado que aquilo fôra apenas um estratagem necessário para fazê-la melhorar. Mas calou-se, de repente, ao dar com os olhos no cachorro de porcelana que ela comprara. Mamãe alegou que não pagara nada por ele, apenas mandara debitar quinze dólares em nossa conta.

Quando ela quis que eu servisse de testemunha deste último fato, eu estava na verdade muito interessado nos quinze dólares. Com a sua costumeira lógica leviana, mamãe concluiu que poderíamos devolver o cachorro; assim, a minha roupa nova nada custaria. Papai sabia quando dar-se por vencido.

Quando eu saí, apressado, para efetuar a troca, mamãe mandou-me aproveitar a saída e tratar um taxi para a manhã seguinte.

No dia seguinte, quando chegou o meu terno, mamãe e papai estavam de tal maneira perplexos que não souberam explicar por que a roupa havia custado quinze dólares, apesar de o cachorro ter sido devolvido. Assim que Cora e Mary chegaram, corri ao andar superior, levando comigo o meu terno novo. Enquanto a prima Cora beijava todo o mundo, e Mary circunvagava o olhar, procurando por mim, chegou o taxi, que mamãe tratara para papai. Esbravejando muito, afinal papai deixou-se levar para dentro dele. E enquanto o conduziam para o batismo, como um mártir para o seu suplício, eu corria à sala de visitas, envergando a minha roupa nova, a fim de atirar-me de joelhos aos pés de Mary.

— F I M —

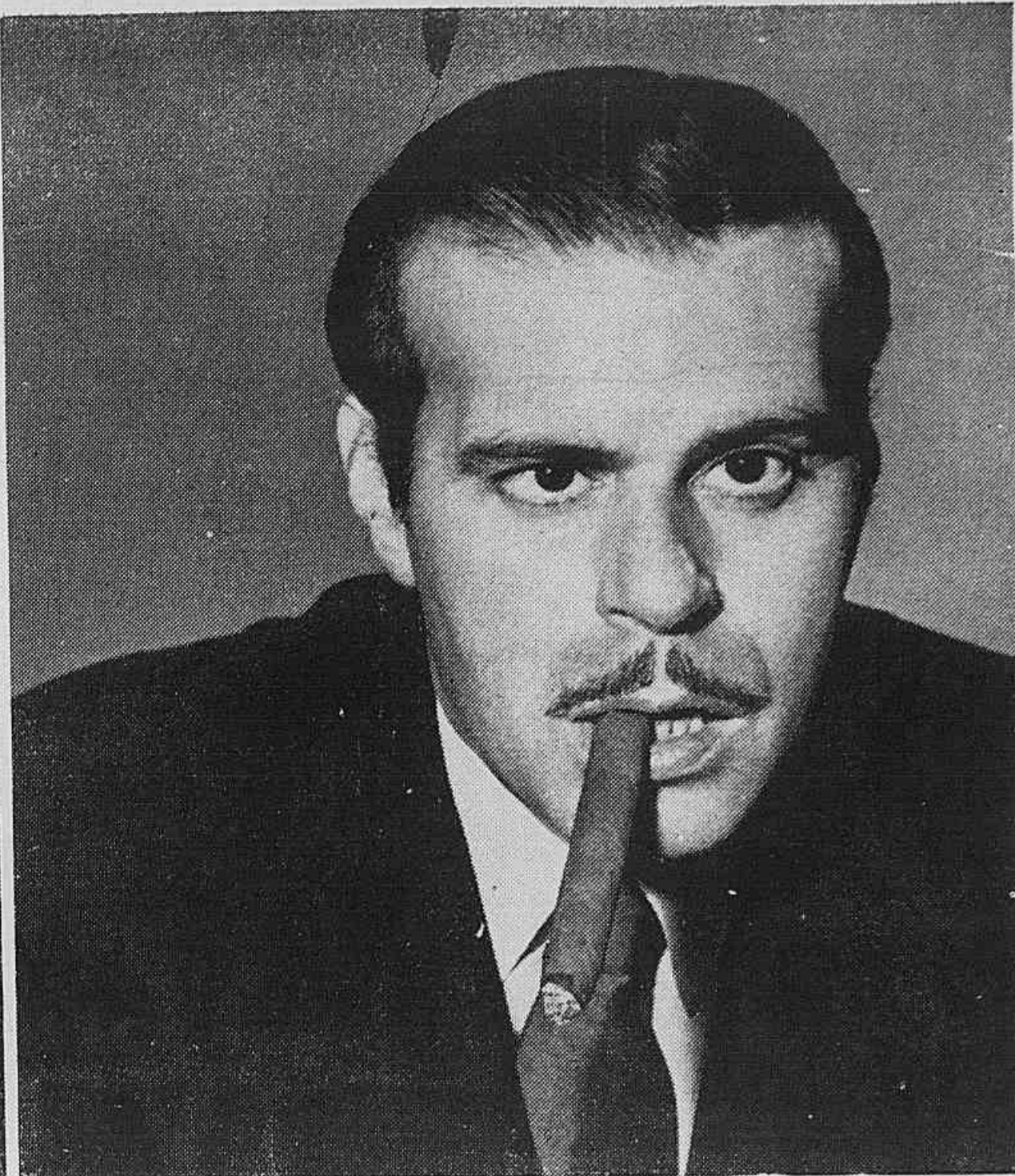
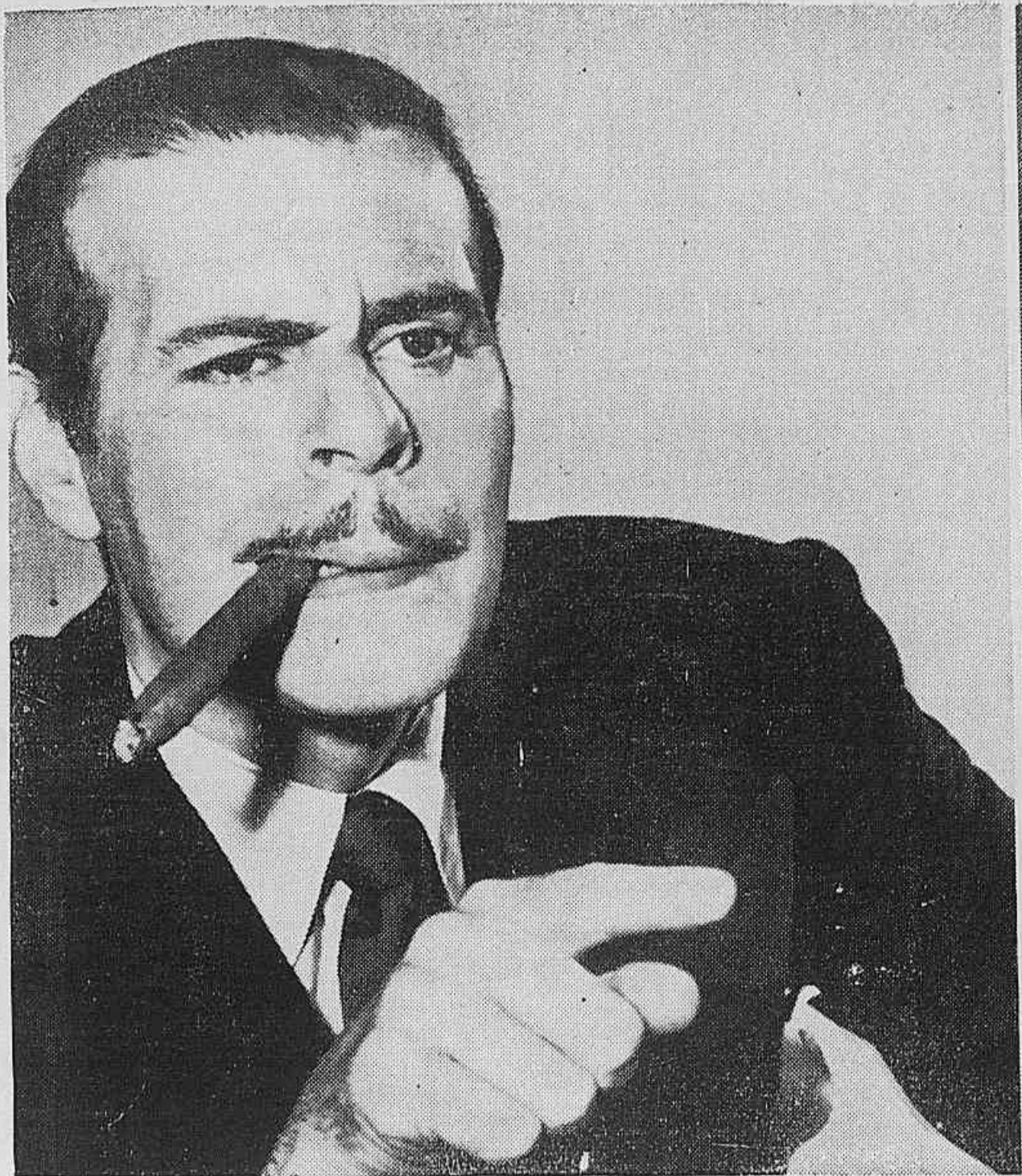
Um Pouco

(Continuação da pág. 11)

sinado, na película da RKO Radio «Mourning Becomes Electra», — versão cinematográfica da obra de Eugene O'Neill, que tem Rosalind Russell no papel principal. Essa será a minha quarta película e, como representar é a minha profissão, profissão de que gosto muito, assim posso agora dar conforto à minha família — mulher e dois filhos, um de três anos e outro de alguns meses — bem como ter ainda tempo para estar sempre em contacto com a realidade, isto é, fazendo trabalhos manuais, cuidando do jardim, pintando a casa e construindo barcos em miniatura para meu filho Michael. Talvez eu seja, de fato, apenas um trabalhador manual... — rematou Kirk Douglas, modestamente.

Sim, muito modestamente, porque toda gente sabe — e seus fãs melhor do que ninguém — que Kirk Douglas é um «astro» em plena ascensão...

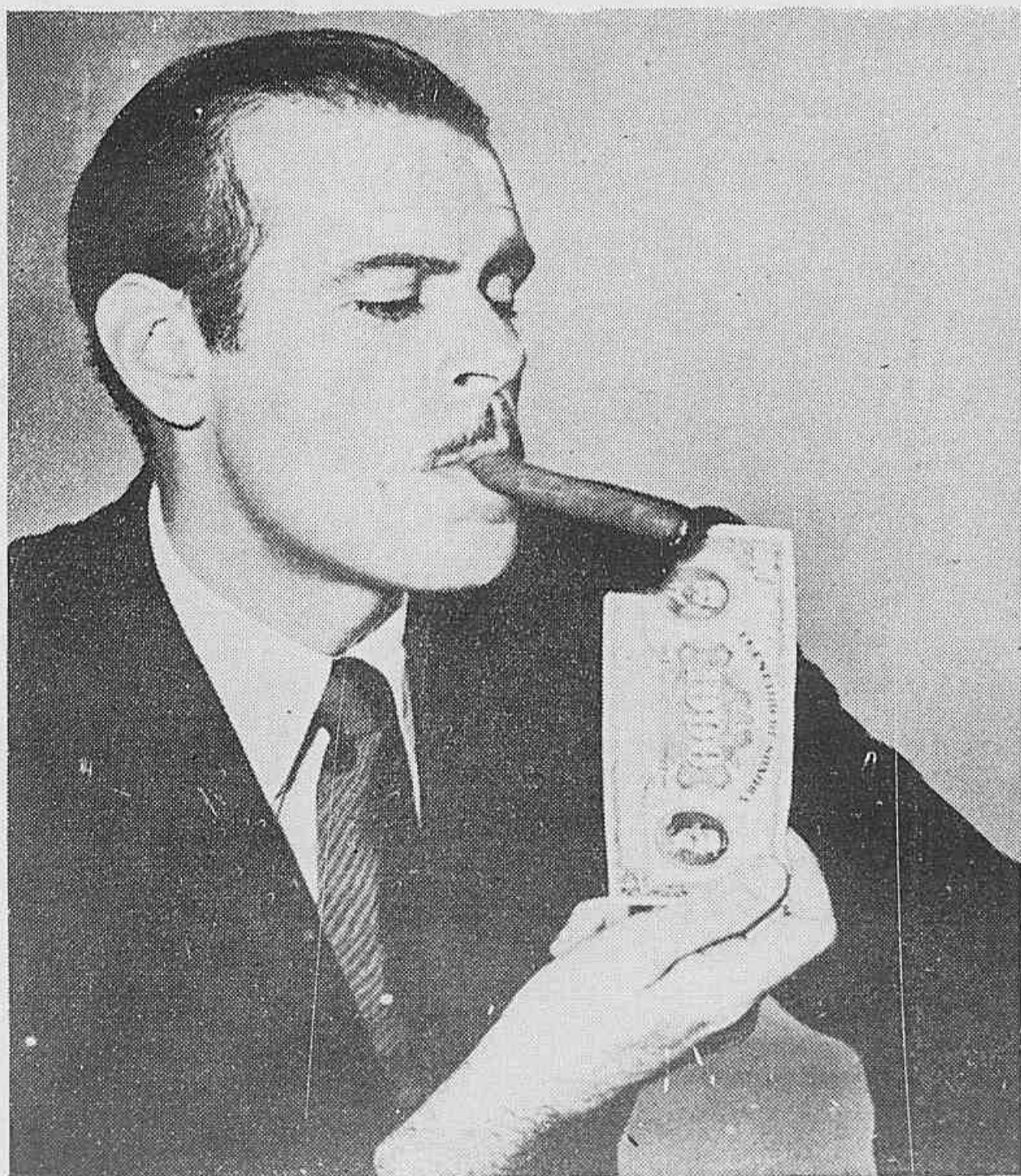




BILLY DE WOLFE, O PANDEGO DA PARAMOUNT

BILLY De Wolfe, que acaba de ser visto aqui no Rio em "Miragem Dourada", da Paramount, é um dos bons cômicos do cinema atual. Tem aparecido em muitos filmes, sempre fazendo caretas, trejeitos, e sempre perdendo a pequena no momento apropriado, isto é, no fim. Há pouco tempo deram um charuto a Billy De Wolfe. No primeiro trago êle deu para discutir politica internacional; no segundo começou a ficar vesgo; no terceiro

deu para queimar notas de 100 dólares, sinal inconfundível de loucura furiosa e, finalmente no quarto ficou perplexo... Billy não se importa com essas coisas porque vive mesmo de palhaçadas... uma a mais ou a menos não tem importância. Vê-lo-emos dentro de alguns meses em "Minha Vida e Meus Amores", película da Paramount baseada na vida da grande atriz Pearl White, co-estrelando com Betty Hutton e John Lund.



PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo ALMANAQUE EU SEI TUDO, para 1948, que está à venda.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpantes, e um calendário completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL
SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO